



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS FLORESTAIS E AMBIENTAIS - PPGCIFA**

PRISCILLA RIBEIRO CANDIDO

COMUNIDADE NOVO HORIZONTE NO LAGO JANAUCÁ – AM SOB UMA ÓTICA
SOCIOECONÔMICA, AMBIENTAL E CULTURAL

MANAUS-AM
MARÇO/2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS FLORESTAIS E AMBIENTAIS - PPGCIFA**

COMUNIDADE NOVO HORIZONTE NO LAGO JANAUACÁ – AM SOB UMA ÓTICA
SOCIOECONÔMICA, AMBIENTAL E CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais da Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Ciências Florestais e Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Julio César Rodríguez Tello

MANAUS-AM
MARÇO/2014

PARECER

Ficha Catalográfica

(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

C217c Candido, Priscilla Ribeiro
Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá - AM sob uma
ótica Socioeconômica, Ambiental e Cultural / Priscilla Ribeiro
Candido. 2014
67 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Julio César Rodriguez Tello
Dissertação (Engenharia Florestal) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Comunidade. 2. Conservação. 3. Populações Tradicionais. 4.
Cultural. I. Tello, Julio César Rodriguez II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

Às duas guerreiras que me criaram e moldaram o meu
caráter: Vania Vaz e Dinorá Ferreira Candido
(*in memoriam*).
Dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Julio César Rodríguez Tello.

Às professoras que compõem a banca examinadora deste trabalho Eyde Cristianne Saraiva dos Santos e Aldenéia Soares da Cunha.

Aos demais professores e funcionários da Universidade Federal do Amazonas que me auxiliaram no decorrer do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Florestais e Ambientais.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudo durante o curso.

Aos comunitários da comunidade Novo Horizonte no Lago Janaucá - AM que sempre me receberam de forma tão acolhedora e, principalmente por terem colaborado com minha pesquisa.

RESUMO

As populações tradicionais da Amazônia dentro de um novo contexto mundial assumem um papel de grande relevância para a preservação do meio ambiente e para a prática do desenvolvimento sustentável. Estas populações tradicionais fazem o uso de diversas práticas de agricultura e de pesca transmitidas de geração para geração. Esta pesquisa consiste em um estudo descritivo exploratório, cujo objetivo geral é caracterizar a comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá, situada no estado do Amazonas, sob uma ótica socioeconômica, ambiental e cultural. Para alcançar o objetivo proposto a pesquisa foi constituída, primeiramente, por uma revisão de literatura acerca do tema e, posteriormente, por pesquisa de campo com a utilização de procedimentos quantitativos e uma abordagem de conteúdo qualitativa, tendo como procedimentos metodológicos: visitas de sondagem, registro fotográfico e a aplicação de questionários semiestruturados aos moradores da comunidade supracitada, abrangendo questões que possibilitaram a coleta de informações de cunho socioeconômico, ambiental e cultural. É possível considerar que é por meio de uma ideologia ambiental e cultural que as pessoas se unem para defender interesses comuns e elaborar projetos de ação que visam, nesse caso, a luta por um ambiente sustentável, se baseando, principalmente, nos princípios ecologicamente corretos, socialmente justos e economicamente viáveis. A comunidade Novo Horizonte carrega traços culturais diferenciados, traços estes que são fruto de um território que sofreu influências contemporâneas, no que diz respeito à mobilidade cultural. A economia é baseada no cultivo de lavouras temporárias de mandioca e na produção de farinha, atividades realizadas de forma manual e familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade; Conservação; Populações Tradicionais; Cultural.

ABSTRACT

Traditional populations of the Amazon, in a new global context, play a role of great importance to the preservation of the environment and the practice of sustainable development. These traditional populations make use of several agricultural and fishing practices handed down from generation to generation. This research consists in a descriptive exploratory study, whose general objective is to characterize the Novo Horizonte community on Lake Janauacá, located in the state of Amazonas, in a socioeconomic, environmental and cultural perspective. To achieve the proposed objective, the research, primarily, consisted of a literature review on the subject and, subsequently, a field research, using quantitative procedures and qualitative content approach, with the following methodological procedures: survey visits, photographic record and the application of semi-structured questionnaires to residents of the aforementioned community, covering issues that made possible the collection of socioeconomic, environmental and cultural information. It is possible to consider it through an environmental and cultural ideology, in which people unite to defend common interests and to develop action projects that aim, in this case, the struggle for a sustainable environment, based, mainly, on environmentally friendly, socially just and economically viable principles. The New Horizon community carries different cultural traits, which are the result of a territory that suffered contemporary influences, concerning to cultural mobility. The economy is based on cultivation of seasonal crops of cassava and production of flour, in other words, manual and familiar activities.

KEYWORDS: Community; Conservation; Traditional Populations; Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Problema.....	2
1.2 Hipóteses	2
1.3 Objetivos	3
2 REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 O Novo Conceito de Ambientalismo e o Conhecimento Tradicional.....	4
2.2 Populações Tradicionais.....	7
2.3 Populações Tradicionais Ribeirinhas	12
2.4 População Tradicional Amazônica.....	13
3 MATERIAL E MÉTODOS	16
3.1 Área de Estudo	16
3.2 Material	17
3.3 Amostragem	18
3.4 Considerações Éticas.....	19
3.5 Metodologia	19
3.6 Análise Estatística	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
4.1 Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica.....	22
4.2 Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural.....	30
4.3 Reivindicações dos moradores da Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM e sugestões de melhorias	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS.....	44
APÊNDICES.....	52

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Localização do lago Janauacá - AM – Adaptado de GOOGLE EARTH, 2013.....	16
Figura 02. Pirâmide etária da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM.....	23
Figura 03. Perfil dos moradores da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM: estado civil.....	23
Figura 04. Perfil dos moradores da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM: naturalidade.....	23
Figura 05. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: trabalho.....	24
Figura 06. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: atividades complementares.....	25
Figura 07. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: renda familiar.....	28
Figura 08. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: escolaridade.....	29
Figura 09. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: moradia.....	29
Figura 10. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural: esgoto.....	30
Figura 11. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural: acesso à água potável.....	31
Figura 12. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural: destinação dos resíduos sólidos.....	32
Figura 13. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural: conceito de meio ambiente.....	33
Figura 14. Reivindicações dos moradores da Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM.....	36

1 INTRODUÇÃO

A Bacia do Rio Amazonas possui o mais importante rio do planeta em termos de superfície de drenagem e fluxo, abrange aproximadamente 7.000.000 km² de área, na qual, uma planície de floresta tropical úmida de 4.600.000 km² se espalha de forma quase contínua (KEDDY et al., 2009). Esta bacia abriga uma das mais extensas áreas alagáveis do mundo (KEDDY e FRASER, 2005). As estimativas mais recentes do mapeamento da largura da bacia usando imagens de satélite JERS-1 registram uma área inundável de cerca de 800.000 km² (MELACK e HESS, 2010).

As áreas alagáveis são as áreas periodicamente inundadas pelo transbordamento lateral de rios ou lagos e/ou pelo regime de chuvas ou águas subterrâneas. Flutuações extensivas do nível de água resultam em típicas fases terrestres e fases aquáticas. Devido a processos de sedimentação desiguais, as planícies de inundação representam um padrão complexo de diferentes habitats, alguns com maior volume de água que outros: rios, lagos, várzeas, igapós, savanas, chavascals e buritizais (SIOLI, 1984; JUNK e HOWARD-WILLIAMS, 1984; JUNK et al., 1989; FORSBERG et al., 2008; WITTMANN et al., 2010).

Estas áreas alagadas tem um importante papel econômico, sendo nessas áreas que se reproduzem e desenvolvem elevadas biomassas de peixes, répteis, pássaros e mamíferos, e também macrófitas aquáticas emersas e submersas. Esta biodiversidade é o que atrai colonizações, as assim chamadas de populações tradicionais que vivem em habitações simples distribuídas ao longo do rio, e este é, para a comunidade, elemento essencial e principal componente da paisagem natural, cujo percurso e pulso das águas definem a cultura da comunidade.

Numa perspectiva marxista, as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, em que mesmo que exista dependência do mercado, ela não é total. Essas sociedades desenvolveram formas particulares de uso dos recursos naturais que mesmo visando lucro, são responsáveis pela reprodução cultural e social, como também percepções e representações em relação ao meio ambiente, marcadas pela ideia de associação com a natureza e a dependência de seus ciclos (DIEGUES, 1983).

Os conhecimentos das comunidades tradicionais ribeirinhas sobre os aspectos ecológicos são frequentemente negligenciados e as dificuldades enfrentadas nessas

comunidades são geradas em grande parte pela falta de capacitação das organizações comunitárias para gerenciarem seus recursos de forma sustentável e pouco entendimento do ecossistema da várzea impossibilitando que estes planejem suas atividades para gerar melhor retorno econômico.

É preciso reconhecer a existência, entre as sociedades tradicionais, de outras formas, igualmente racionais de se perceber a biodiversidade, além das oferecidas pela ciência moderna (Diegues, 2000). Este conhecimento tradicional assegura o acesso rápido a informações elementares para pesquisas científicas além de dar subsídios à população local na defesa de "seu lugar".

Sendo assim, uma análise socioeconômica, ambiental e cultural da comunidade Novo Horizonte pode ser utilizada para envidar esforços no sentido de determinar os parâmetros no que diz respeito à sustentabilidade das atividades humanas neste local. O estudo desta percepção é importante para compreender melhor as interrelações entre homem e ambiente.

1.1 Problema

É possível considerar que é através da ideologia que as pessoas se unem para defender interesses comuns e elaborar projetos de ação que visam, nesse caso, a luta por uma melhor qualidade de vida. Neste sentido, esta pesquisa propõe-se a responder a seguinte questão: **Quais são os elementos socioeconômicos, ambientais e culturais presentes na comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá – AM?**

1.2 Hipóteses

Do problema formulado podem-se resultar as seguintes hipóteses:

H₀: A comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá – AM é pode ser caracterizada sob a ótica socioeconômica, ambiental e cultural.

H₁: A comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá – AM não pode ser caracterizada sob a ótica socioeconômica, ambiental e cultural.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Caracterizar a comunidade Novo Horizonte no lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica, ambiental e cultural.

1.3.2 Objetivos específicos

- Realizar a caracterização das unidades produtivas da comunidade Novo Horizonte no lago Janauacá- AM;
- Analisar a relação dos moradores da comunidade Novo Horizonte no lago Janauacá – AM com o meio ambiente;
- Investigar os elementos culturais, mitos e lendas presentes no cotidiano dos moradores da comunidade Novo Horizonte no lago Janauacá – AM.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O Brasil possui cerca de 3,6 milhões de quilômetros quadrados de florestas, isto faz com que o país ocupe o terceiro lugar na lista dos países com maior área florestal densa do mundo. Ao considerarmos a cobertura vegetal de florestas tropicais, o Brasil ocupa o primeiro lugar no *ranking*. A grande maioria das florestas tropicais brasileiras concentra-se na região amazônica (COPOBIANCO et. al. 2001).

Copobianco et. al.(2001) afirma que os números do Brasil, no que diz respeito à biodiversidade, são impressionantes. Já que, o país abriga de 10 a 20% das 1,5 milhão de espécies catalogadas de fauna e flora do mundo. São cerca de 22% das espécies de plantas com sementes, 10,8% das espécies de mamíferos, 17,2% das aves, 15% dos anfíbios e 10,7% das espécies de peixes. A Amazônia, além da grande riqueza natural, abriga uma incrível diversidade cultural, pois conta com uma população de aproximadamente 170 povos indígenas, 357 comunidades remanescentes de antigos quilombos e milhares de comunidades de seringueiros, castanheiros, ribeirinhos, babaqueiras, entre outras.

Dentro do cenário mundial a Amazônia surge com um futuro incerto, futuro este que não é definido apenas pela sua importância ambiental e sociocultural, pois as ameaças de degradação crescem em ritmo acelerado (COPOBIANCO et. al. 2001). A necessidade de se preservar a rica biodiversidade amazônica permite a abertura de um tema inovador e polêmico: o papel das populações tradicionais amazônicas na conservação da natureza.

Portanto, toda essa mudança do meio ambiente ensejou, nos últimos anos, debates acerca de uma nova forma de desenvolvimento, o então desenvolvimento sustentável. No contexto amazônico, esse desenvolvimento se fundamenta em uma particularidade social, que se dá através do cotidiano de povos de diversas culturas que habitam há milhões de anos a floresta tropical, a então população tradicional amazônica. A particularidade da população amazônica está no fato de abrigar saberes tradicionais e, ao mesmo tempo, inovadores da conservação de sua biodiversidade.

2.1 O Novo Conceito de Ambientalismo e o Conhecimento Tradicional

A partir de meados dos anos 80 foi instituído um ambientalismo diferente do preservacionista, mais íntimo com as questões sociais. Esse novo movimento surgiu

juntamente com a redemocratização, posterior a ditadura militar, e é marcado pela crítica ao modelo de desenvolvimento econômico desta época. O modelo econômico vigente até então era marcado pela concentração de renda e degradação do meio ambiente, tendo seu apogeu na ditadura militar (DIEGUES, 2000).

Diegues (2000), afirma que a destruição em massa da Amazônia ensejou o ecologismo social¹. Este ecologismo social é adotado por organizações sociais como o Conselho Nacional de Seringueiros, o Movimento dos Atingidos por Barragens, o Movimento dos Pescadores Artesanais, os Movimentos Indígenas, dentre outros. Para estas instituições sociais há a necessidade de se repensar a função dos parques nacionais e reservas, pois se faz necessário incluir os interesses e os hábitos de seus moradores tradicionais.

Então, Diegues (2000) considera que o novo ambientalismo passa a dar prestígio a uma nova forma de enxergar a conservação, possibilitando a participação das comunidades tradicionais, bem como a valorização dos seus saberes tradicionais, no planejamento e na gestão das atividades de conservação.

Diegues (1999) define conhecimento tradicional como o conjunto de saberes e o saber-fazer no que diz respeito ao mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para a maioria dessas sociedades, principalmente para as indígenas, existe uma relação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Portanto, não existe para as populações tradicionais uma linha divisória rígida entre o “natural” e o “social”, mas sim um *continuum* entre ambos.

Para Tuan (1974), é necessário examinar a herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos de uma pessoa para então compreender a sua preferência ambiental. Quando se trata de atitudes e preferências de um grupo é necessário conhecer a história cultural e experiência de tal grupo no contexto de seu ambiente físico.

Existem grandes diferenças entre os meios pelos quais as populações tradicionais produzem e expressam seu conhecimento sobre o mundo natural e aqueles que foram desenvolvidos pela ciência moderna. Essas visões distintas se refletem no uso de conceitos desenvolvidos e adotados pela própria ciência moderna, como o de recursos naturais, biodiversidade e manejo (DIEGUES, 1999).

¹ Que luta por manter o acesso aos recursos naturais de seus territórios, valorizando o extrativismo e os sistemas de produção baseados em tecnologias alternativas.

As principais divergências entre as visões das populações tradicionais e da ciência moderna estão relacionados ao conceito/manejo de biodiversidade, pois:

Na concepção moderna, a biodiversidade é uma característica do mundo chamado natural, produzida exclusivamente por este e analisada segundo as categorias classificatórias propostas pelas ciências ou disciplinas científicas, como a botânica, a genética, a biologia, etc. As populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas também nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. Outra diferença é que essa diversidade da vida não é vista como “recurso natural”, mas sim como um conjunto de seres vivos que tem um valor de uso e um valor simbólico, integrado numa complexa cosmologia. Nesse sentido, pode-se falar numa *etno-biodiversidade*, isto é, a riqueza da natureza da qual participam os humanos, nomeando-a, classificando-a, domesticando-a, mas de nenhuma maneira selvagem e intocada (DIEGUES, 1999. p. 31).

Então, as populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas também nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. Nestas sociedades a natureza não é vista como selvagem, mas sim como um conjunto de seres vivos que agregam valores simbólicos constituindo uma relação complexa de cosmologia (DIEGUES, 2000).

É sob esta ótica que Diegues (1999) conclui que a biodiversidade pertence a dois domínios: ao natural e ao cultural. No entanto, é a cultura no que diz respeito a conhecimento que possibilita as populações tradicionais entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la, retirar suas espécies, colocar outras e também enriquecê-las. E é nesse sentido que os seres vivos, juntamente com a sua diversidade, constituem um espaço domesticado ou até mesmo não domesticado, mas conhecido por esses povos, já que eles pertencem a um lugar, um território, onde se produzem as relações sociais e simbólicas.

Diegues e Arruda (2001) elencam a importância da etnoconservação² como um dos critérios essenciais de conservação da biodiversidade, pois as populações tradicionais, ao invés de serem expulsas de suas terras para a criação de áreas de preservação permanente, devem ser valorizadas e recompensadas pelo conhecimento e manejo que incluem florestas pouco ou nada tocadas por essas populações até aquelas já manejadas pelo homem.

² Proposta que defende a ação conservacionista a partir de uma implicação indissociável entre populações tradicionais e ecossistemas, ou seja, consiste na gestão compartilhada dos recursos naturais entre Estado, entidades ambientalistas e populações locais.

Deste modo, a etnociência tem contribuído para o estudo do conhecimento das populações tradicionais. Partindo da linguística, a etnociência estuda o conhecimento das populações humanas sobre os processos naturais, com o intuito de desvendar a lógica oculta ao conhecimento humano do meio ambiente, as taxonomias e classificações (DIEGUES, 1999).

As populações tradicionais da Amazônia dentro desse novo contexto mundial assumem um papel de grande relevância para a preservação do meio ambiente e para a prática do desenvolvimento sustentável. Estas populações tradicionais fazem o uso de diversas práticas de agricultura e de pesca transmitidas de geração para geração e é através desta ideologia ambiental tradicional que surge uma antiga/nova ideologia de sociedade sustentável.

2.2 Populações Tradicionais

Inicialmente é preciso considerar que este conceito é novo, tanto na esfera governamental, quanto na esfera acadêmica ou social. A expressão comunidades ou populações tradicionais surgiu no seio da problemática ambiental, no contexto da criação das unidades de conservação (UCs) [áreas protegidas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama)], para dar conta da questão das comunidades tradicionalmente residentes nestas áreas: Povos Indígenas, Comunidades Remanescentes de Quilombos, Extrativistas, Pescadores, dentre outras (COSTA FILHO et al., 2004).

Buscando contribuir para a definição do conceito de população tradicional, Arruda (1999, p. 10) infere que populações tradicionais são aquelas que

apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados principalmente para a subsistência, com fraca articulação com o mercado, baseado em uso intensivo de mão de obra familiar, tecnologias de baixo impacto derivadas de conhecimentos patrimoniais e, normalmente, de base sustentável... Em geral ocupam a região há muito tempo e não têm registro legal da propriedade privada individual da terra, definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente.

O conceito de Arruda (1999) é bastante amplo, tendo como especificidade a exposição da situação de fragilidade em que as populações tradicionais se encontram, pois as mesmas não apresentam documentos que comprovem seus direitos sobre as terras historicamente por elas ocupadas.

Outra importante contribuição refere-se à Cunha e Almeida (2001), que apresentam o conceito desses grupos como um termo ainda em construção e bastante agênérico, classificando-o como um conceito extensivo e perfilando tal definição através da enumeração dos elementos que o compõe. Dentre os sujeitos enumerados e que compõem essa categoria é possível citar extrativistas, seringueiros, castanheiros, quebradoras de coco babaçu, ribeirinhos, pescadores artesanais, varjeiros, faxinalenses, comunidades de fundo de pasto, pomeranos, ciganos, geraizeiros, vazanteiros, piaçabeiros, pantaneiros, dentre tantos outros que já se identificam como populações tradicionais, ademais daquelas que ainda surgirão.

Segundo Costa Filho (2004), o conceito de comunidade é entendida como um grupo que interage diretamente, face a face, e que é capaz de agir coletivamente a partir destas interações, que compartilha um patrimônio e um pacote de recursos, dentre eles o território, sobre os quais são estabelecidos direitos coletivos. Quanto ao sentido de tradição, percebe-se que o que é tradicional não são os conhecimentos ou as práticas em si, mas a maneira de produzi-los e utilizá-los. Nesse sentido, a tradição é um processo e um laboratório coletivo. Os conhecimentos são materializados em dispositivos de ação, em regras, em normas, em formas de reconstruir a natureza. Naturalmente, como essas comunidades sofreram e sofrem muitas pressões, suas identidades são mesmo efeito de processos políticos ligados com o território e com os demais direitos sociais, mas também com a autonomia política.

Apesar de formular uma definição semelhante à de Arruda (1999), Lima e Pozzobon (2005) ampliam o conceito em questão, refinando-o na medida em que enumeram diversas evidências do porquê destas populações tradicionais não apresentarem um impacto ambiental. Estes autores fazem uma interessante exposição acerca dos “pequenos produtores tradicionais” da Amazônia, demonstrando o processo que o governo colonial utilizou para povoar a Amazônia, utilizando-se de meios legais para isso. Estes estimulavam a formação de um campesinato histórico produtivo e submisso, através da miscigenação de índios, negros e brancos, resultando em um camponês neo-amazônida, constituído por “tapuios”, “mamelucos” e “caboclos” que, conseqüentemente, também representavam uma mistura de culturas negras, índias e brancas, caracterizando-se de forma singular.

Com o passar do tempo novos ciclos foram surgindo na história da Amazônia, assim como novas situações históricas e econômicas que culminaram na formação de diferenciados quadros sociais e culturais. Como exemplo mais notório é possível citar o ciclo da borracha que importou os chamados “brabos” (nordestinos), novos atores que se integraram ao cenário

amazônico, configurando-se como atores exógenos que foram sendo “caboclizados” com o passar do tempo, ou seja, foram gradualmente sendo integrados ao *modus vivendis* amazônico, caracterizado por uma cultura ecológica e de hábitos regionais, denotando mais uma vez a miscigenação de culturas que permeia a realidade amazônica (LIMA e POZZOBON, 2005).

Outro autor a ser citado é Diegues et al. (2001), que demonstram como essas populações tradicionais desenvolvem um modo de vida de integração com a natureza, percebendo nesta o seu *modus vivendis*, diferentemente da relação que a sociedade ocidental pós-industrial demonstra para com a biodiversidade, em virtude da forma como se posiciona diante da natureza, pois esta é pensada enquanto um instrumento a ser dominado, privatizado e explorado pela espécie humana. Na sociedade ocidental a natureza é vista como o lócus do primitivo, bárbaro, incivilizado que deve ter na civilização a luz para a sua evolução, a saída para o seu estado de atraso. Para este autor as populações tradicionais vivem em harmonia com a natureza, articulando o seu modo de vida com os recursos naturais, desenvolvendo uma cultura de vasto conhecimento dos mesmos.

Diegues (1993) deixa clara a posição do autor sobre a necessidade de uma nova concepção de mundo para a sociedade ocidental, diante da noção de exploração e conquista dos recursos naturais e não de integração com os mesmos que essa sociedade apresenta. Esta visão da natureza como um espaço oposto ao ser humano, como algo intocado e selvagem, é desenvolvida através da noção de *wilderness*. É esta noção que dá origem às Unidades de Conservação de uso indireto dos recursos naturais, primeiramente nos Estados Unidos e, posteriormente, para outros países, sendo que desde seu início foram criticadas, principalmente por nações indígenas, que viam nas florestas ditas “naturais” (*wilderness*) a sua própria sociedade e seu próprio lar.

Desta forma, o autor (DIEGUES 1993, 1994, 1997; DIEGUES et al., 2001) sugere que algumas sociedades e populações contribuem para o aumento da diversidade de espécies, de ecossistemas e genética, visto que desenvolveram uma relação de integração com a natureza. Um exemplo a ser citado refere-se à floresta amazônica, na qual a maioria das populações que tradicionalmente ocupam a terra firme, desenvolvem práticas agrícolas que utilizam pequenas áreas de terra para o plantio, sendo que para remover a vegetação existente, utilizam-se do fogo, provocando queimadas minuciosamente controladas, ocorrendo o abandono dessas áreas após o decréscimo da produção agrícola. Este processo assemelha-se à destruição das florestas

produzidas por causas naturais, dificultando a identificação e diferenciação de áreas “naturais” para áreas que sofreram a ação humana (DIEGUES, 1993).

De acordo com Diegues (2000), assim como os parques nacionais nos Estados Unidos e em outros lugares foram estabelecidos por razões estéticas e de turismo, e não para a proteção da biodiversidade, pode-se dizer que esta ocorreu ocasionalmente. Também existem os casos em que a exclusão dos humanos resultou em perda da biodiversidade. Nos parques de Serengeti e Ngorongoro, na Tanzânia e Quênia respectivamente, as tribos de pastores, por meio das atividades de pastoreio e queima de pasto, permitiram que os rebanhos e os animais selvagens coexistissem, criando uma paisagem que hoje é valorizada pelos conservacionistas. A constituição de parques nacionais e a exclusão dessas tribos levaram à conversão do pasto em arbustos, com impactos negativos sobre os animais herbívoros, que desempenham um papel fundamental para a diversidade biológica da região (Colchester).

Invariavelmente, a questão primordial é o acesso a terra, ou, no caso, ao território. Sabemos que assegurar o acesso ao território significa manter vivos na memória e nas práticas sociais os sistemas de classificação e de manejo de recursos, os sistemas produtivos, os modos tradicionais de distribuição e consumo da produção. Isso além de sua dimensão simbólica: no território estão impressos os acontecimentos ou fatos históricos que mantêm viva a memória do grupo; nele também estão enterrados os ancestrais e encontram-se os sítios sagrados; ele faz parte da cosmologia do grupo, referendando um modo de vida e uma visão de homem e de mundo; ele é apreendido e vivenciado a partir dos sistemas de conhecimento, portanto, encerra também uma dimensão lógica e cognitiva. Além naturalmente de assegurar a produção, indispensável à sobrevivência (COSTA FILHO et al., 2004).

Os direitos territoriais de povos e populações tradicionais no Brasil foram conquistados a partir de lutas e reivindicações ocorridas na história recente do país (ABIRACHED et al., 2010).

Para entender a importância do território para povos e populações tradicionais, é preciso compreender o seu significado. Segundo Almeida (2004), a territorialidade funciona como fator de identificação, defesa e força, mesmo quando se trata de apropriações temporárias dos recursos naturais, por grupos sociais classificados muitas vezes como “nômades” e “itinerantes”. Laços solidários e de ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável, não obstante disposições sucessórias porventura existentes.

Para Arruda e Diegues (2001), além do espaço de reprodução econômica das relações sociais, o território é também o lócus das representações mentais e do imaginário mitológico dessas sociedades, onde as representações simbólicas que essas populações fazem dos diversos habitats em que vivem, também dependem de um maior ou menor controle que dispõem sobre o meio físico”. Little (2002) define territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-se assim em seu território.

Os direitos territoriais das populações tradicionais são assegurados no Brasil, segundo a Política Nacional de Povos e Populações Tradicionais, instituída pelo Decreto nº 6.040/07, que trouxe a figura dos “Territórios Tradicionais”. O decreto ainda previu o conceito de “populações tradicionais”, mas a abrangência dessa noção está a cargo da Comissão Nacional de Povos e Populações Tradicionais, também criada pelo Decreto nº 6.040/07 (BRASIL, 2007).

Outra questão relevante trazida pelo decreto foi o estímulo à criação de unidades de conservação em áreas em que se deseje conservar a biodiversidade onde vivem populações tradicionais, de forma a orientar os órgãos ambientais quando da criação de novas unidades de conservação (ABIRACHED et al., 2010).

Assim, vale observar que essas populações tradicionais não-indígenas ou não-quilombolas têm seus direitos territoriais previstos no Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), instituído pela Lei nº 9.985/001, dentro das categorias Reservas Extrativistas (Resex) e Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS), ainda que nas Florestas Nacionais também seja assegurada a presença de populações tradicionais. O objetivo dessas unidades é proteger os meios de vida e a cultura de populações extrativistas e tradicionais, garantir o uso sustentável de recursos naturais da unidade, aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo por populações tradicionais, e promover a conservação da biodiversidade (ABIRACHED et al., 2010).

Linhares (2009) afirma que qualquer modelo de desenvolvimento é baseado no uso sustentável dos recursos naturais onde torna-se necessário levar em consideração as populações tradicionais e os seus respectivos sistemas de manejo, que em grande medida contribuíram para formação de ecossistemas diferenciados, e até mesmo em alguns casos, por processos de especiação e domesticação de espécies (frutíferas principalmente), que figuram como uma das alternativas econômicas mais promissoras para a região.

2.3 Populações Tradicionais Ribeirinhas

As populações tradicionais não-indígenas da Amazônia caracterizam-se sobretudo pelas suas atividades extrativistas, de origem aquática ou florestal terrestre (DIEGUES et al., 2000).

Nesse sentido, decidimos agrupar os caboclos/ribeirinhos, seringueiros e castanheiros como populações tradicionais extrativistas. Darcy Ribeiro (1995) considera os seringueiros, castanheiros e ribeirinhos como “caboclos”, pois eles apresentam um modo de vida semelhante. No entanto, existem diferenças entre elas, na medida em que os ribeirinhos vivem nas várzeas e beiras de rio, dependendo fundamentalmente da pesca. Muitos dos seringueiros e castanheiros vivem à beira de rios, igapós e igarapés, mas outros vivem em terra firme, dependendo menos das atividades pesqueiras.

Os caboclos/ribeirinhos vivem, principalmente, à beira de igarapés, igapós, lagos e várzeas. Quando as chuvas enchem os rios e riachos, estes inundam lagos e pântanos, marcando o período das cheias, que por sua vez regula a vida dos caboclos. Esse ciclo sazonal rege as atividades de extrativismo vegetal, agricultura e pesca dos habitantes da região (Maybury-Lewis 1997). Quando começa a cheia, torna-se impossível fazer roça e mesmo a pesca e a caça tornam-se mais difíceis.

Esses caboclos são extrativistas e agricultores, que produzem em regime familiar, vendendo o excedente e, frequentemente, em períodos de maior demanda de força de trabalho lançam mão da troca de dias entre vizinhos. Como os sítios ocupam as beiras dos rios, os ribeirinhos podem tirar proveito das várzeas, colhendo produtos alimentícios, principalmente a mandioca, mas também frutas e ervas medicinais. Nas florestas, extraem o látex para a venda e também a castanha do Pará, além de criar pequenos animais domésticos e alguns deles têm também algumas cabeças de gado. Moram em casas de madeira, construídas em palafita, mais adaptadas ao sistema das cheias (DIEGUES et al., 2000).

Os sistemas de manejo locais são geralmente voltados para as necessidades da população local e, frequentemente, aumentam sua capacidade de se adaptar às circunstâncias sociais e ecológicas dinâmicas (PIMBERT e PRETTY, 2000). Um sistema de manejo muito utilizado pelas populações tradicionais Amazônicas, mas também as populações tradicionais

nordestinas é a chamada “roça de toco”, “agricultura itinerante”, ou ainda, “agricultura de derrubada e queima”.

A agricultura itinerante ou agricultura de derrubada e queima é um sistema comum de uso da terra que alterna períodos de pousio com curtos períodos de cultivo intensivo. As comunidades tradicionais praticam pousio de curta duração somente em solos de boa fertilidade natural. Os pousios de longa duração mantidos em áreas de solos pobres são possíveis somente em zonas ainda pouco habitadas (DUBOIS, 1996).

Portanto, a baixa fertilidade natural dos solos explica porque as comunidades tradicionais da Amazônia praticam pousios de longa duração (DUBOIS, 1996), muito embora, a “roça de toco”, enquanto prática de manejo encontra-se em esgotamento, visto que, a densidade populacional de uma forma geral, tem aumentado significativamente na região, com isso, comprometendo o tempo de pousio, e a sustentabilidade ambiental e social do agroecossistema.

2.4 População Tradicional Amazônica

As populações da Amazônia assumiram nos últimos tempos um papel essencial para a preservação ambiental da região. De acordo com Cunha e Almeida (2001), ocorreu uma surpreendente mudança de cunho ideológico e assim, as populações tradicionais da Amazônia que já foram consideradas “entraves ao desenvolvimento” passaram a ser um objeto importante na preservação da biodiversidade.

Um aspecto essencial para definir culturas tradicionais Amazônicas, de acordo com Diegues e Arruda (2001), é a existência de sistemas de manejo dos recursos naturais destacado pelo respeito aos ciclos da natureza e pela sua extração, observando-se a capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas, pelo fato de que esse sistema agrícola não visa somente à exploração econômica dos recursos naturais, mas traz consigo um conjunto de conhecimentos tradicionais herdado dos mais velhos.

Para Cunha e Almeida (2001), estas populações tradicionais apresentam como características peculiares o uso de técnicas ambientais de baixo impacto, formas equitativas de organização social, a presença de instituições com legitimidade para fazer cumprir suas leis, liderança local e, traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados. Deste

modo, não se faz necessário evitar a predação, basta tê-la sob limites, e é esta história de baixo impacto ambiental e o interesse em manter ou em recuperar o controle sobre o território que exploram o que torna os hábitos desses povos amazônicos tão importantes.

Diegues e Arruda (2001) afirmam que populações tradicionais são grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, pois a reprodução histórica do seu modo de vida se dá de forma mais ou menos isolada, tendo como base a cooperação social e relações peculiares com a natureza.

Diegues (1999) considera que existem dois tipos de populações tradicionais: a indígena e a não-indígena. Por mais que esses dois grupos possuam características comuns, com relação ao conhecimento da biodiversidade, há também grandes diferenças entre os mesmos. A principal diferença entre elas é que as populações indígenas são detentoras de uma história sociocultural anterior e diferenciada da sociedade nacional e possuem também língua própria, já as populações tradicionais não-indígenas fazem o uso da língua portuguesa, mesmo apresentando diversas mutações.

No entanto, as populações tradicionais não-indígenas receberam grande influência das populações indígenas, não só no que diz respeito aos traços regionais, mas também no uso de diversas tecnologias de preparação de alimento, cerâmica, técnicas de construção de instrumentos de caça e pesca, entre outros (DIEGUES, 1999).

Para uma melhor classificação dos hábitos culturais da população tradicional não-indígena:

Decidimos agrupar os caboclos/ribeirinhos, seringueiros e castanheiros como populações tradicionais extrativistas (...) os ribeirinhos vivem nas várzeas e beiras de rio, dependendo fundamentalmente da pesca. Muitos dos seringueiros e castanheiros vivem à beira de rios, igapós e igarapés, mas outros vivem em terra firme, dependendo menos das atividades pesqueiras. Os caboclos/ribeirinhos vivem, principalmente, à beira de igarapés, igapós, lagos e várzeas. Quando as chuvas enchem os rios e riachos, estes inundam lagos e pântanos, marcando o período das cheias, que por sua vez regula a vida dos caboclos (DIEGUES, 1999, p. 48).

Diegues (1999) afirma que durante a cheia não é possível se fazer roça e as atividades de pesca e caça são mais trabalhosas. Então os caboclos extrativistas e agricultores, que trabalham em regime familiar e vendem o excedente da sua produção, passam a trabalhar em regime de troca entre vizinhos. Pelo fato dos sítios ocuparem as beiras dos rios, os ribeirinhos

tiram proveito das várzeas, colhendo alimentos e ervas medicinais. Dentro da floresta extraem látex e castanha para vender e criam animais de pequeno porte e, às vezes, cabeças de gado.

Para Fraxe (2004), a cultura amazônica é mergulhada num ambiente onde a transmissão dos costumes é feita de forma oralizada. Portanto esta cultura é capaz de refletir de forma direta na relação do homem com a natureza, se apresentando numa atmosfera em que a água se faz presente no cotidiano tendo importância vital para a compreensão do universo em que habita.

Na Amazônia, as populações tradicionais não-indígenas são caracterizadas, principalmente, por suas atividades extrativistas, sejam elas de origem aquática ou florestal. Moram em casas de madeiras que são construídas em palafita já adaptadas ao sistema das cheias (DIEGUES, 1999).

Dentro deste contexto de conhecimento tradicional amazônico, Fraxe (2004) considera que a cultura cabocla tem relação com o registro de certas matrizes de pensamento e comportamento secularmente registradas na memória social dos grupos humanos capazes de resistir e persistir no tempo.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área de Estudo

O local de desenvolvimento desta pesquisa é a comunidade Novo Horizonte, localizada no lago Janauacá, entre os municípios do Careiro Castanho e Manaquiri, ambos no estado do Amazonas (Figura 1).

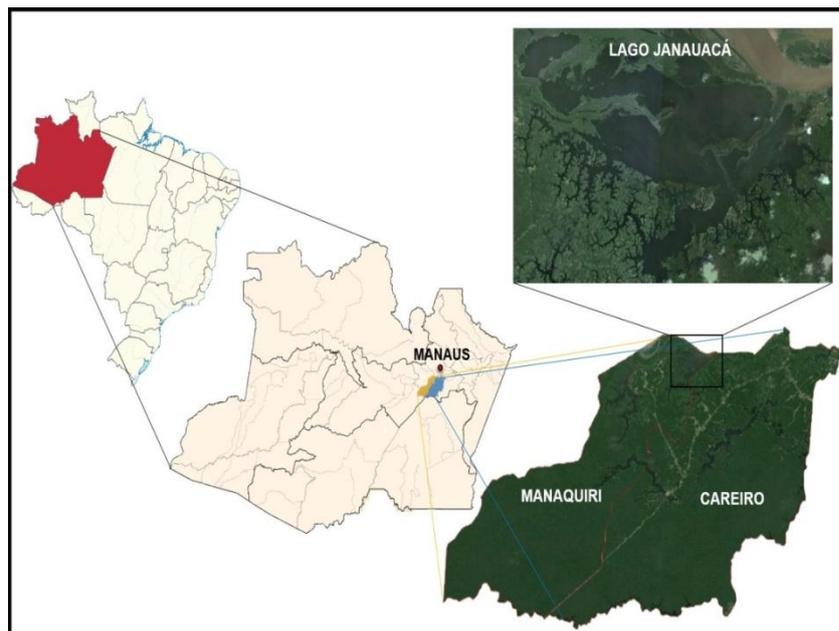


Figura 01, Localização do lago Janauacá - AM – Adaptado de GOOGLE EARTH, 2013

Segundo Mourão e Oliveira (2009), o lago Janauacá – AM está localizado à margem direita do rio Solimões, através de um canal natural, o Paraná do Janauacá que tem extensão aproximada de 7 km² e sua profundidade varia de acordo com o regime das águas do rio. A dinâmica fluvial da área é irregular, margeado na região sul por terra firme, formando uma área de igapó nas épocas de cheia e, ao norte, por uma restinga. E, afirmam ainda, que o lago Janauacá localiza-se entre as coordenadas a 60° 07' a 60° 27' Longitude Oeste e 3° 14' a 3° 37' Latitude Sul, pertence à mesorregião Centro Amazonense e a microrregião de Manaus, na classificação do IBGE. Está situado, segundo as unidades cronoestratigráficas, em depósitos da era Cenozóica, do período Terciário-Quaternário da época plio-plestocênica, entre colinas das unidades litoestratigráfica da formação Solimões.

Essa região é relativamente pequena, entre os municípios do Careiro Castanho e Manaquiri, ambos no estado do Amazonas. Caracteriza-se por apresentar vários lagos rasos

(1m a 6 m de profundidade), entre os quais temos os lagos: Castanho, Jutai Grande, Jutai Pequeno e Jacaré (RAI & HILL, 1984). É um complexo misto de águas pretas nos seus ramos inferiores que se originam na própria planície próximas às florestas e de águas claras de várzea na porção Norte proveniente dos Andes e do rio Solimões (DA SILVA, 2010).

Dados batimétricos medidos no lago Janauacá demonstram que a profundidade alcançada no lago principal em período de cheia oscila ente 6 e 11 m de profundidade (Ghirad, 2008). A variação de volume de água armazenada no lago indica que a inundação se desenvolve sobre vários meses e permanece em sua superfície máxima durante algumas semanas. A estiagem inicia-se no mês de agosto e se estende até janeiro, apresentando, com mais frequência, os volumes mínimos nos meses de novembro e dezembro; o período de cheia abrange de fevereiro a julho, progredindo lentamente, onde os volumes máximos são encontrados mais frequentemente entre os meses de maio e junho, com um primeiro pico observado entre janeiro e fevereiro. O volume médio de água armazenado no lago Janauacá é de 2,25 km³ por ciclo hidrológico, com o máximo de aproximadamente 6 km³ observado nos anos de 2002 e 2008 (SILVA, 2010).

3.2 Material

Para alcançar o objetivo proposto: caracterizar a comunidade Novo Horizonte no lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica, ambiental e cultural, foram utilizados alguns materiais e equipamentos, descritos a seguir.

- Bibliografias gerais, especializadas e complementares, acerca do tema escolhido (livros, artigos, dissertações, informativos digitais e periódicos);
- Documentos da comunidade;
- Imagens de satélites da área de estudo (GOOGLE EARTH, 2013);
- Mapas temáticos da área em estudo;
- Máquina fotográfica digital;
- Fotografias dos comunitários e da comunidade;
- Termo de Consentimento e Livre Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A);
- Questionário semiestruturado (APÊNDICE B);
- Gravador portátil digital;
- Gráficos e tabelas confeccionados no Software Excel 2010.

3.3 Amostragem

a) Critério de Inclusão

De acordo com documentos da AMPROCONH - Associação dos Moradores e Produtores Rurais da Comunidade Novo Horizonte da Cabeceira do Janauacá, a comunidade Novo Horizonte no lago Janauacá - AM possui 139 habitantes, distribuídos em 37 famílias.

Foram aplicados 89 questionários semiestruturados de acordo a equação *t-student* de estimativa de amostra, como demonstrado a seguir. Todos os participantes da amostra foram previamente informados sobre o conteúdo da pesquisa, seus benefícios e potenciais risco; em seguida, foram submetidos a um Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE) anexados a esta proposta. Apenas as pessoas que concordaram e assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE) compuseram a amostra da pesquisa. A participação dessas pessoas foi de forma altruísta, não comercial e voluntária, sob nenhuma hipótese acarretando perdas ou prejuízos àqueles que se negaram a concordar com o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE).

b) Critério de Exclusão

Foram excluídas todas as pessoas que não residiam na comunidade Novo Horizonte da Cabeceira do Janauacá, de etnia indígena, menores de 18 anos de idade sem emancipação legal, os participantes da amostra que, eventualmente, solicitaram ser removidos da amostra, a qualquer momento, bem como todos aqueles que não concordaram em assinar o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE) ou àqueles que não cooperaram para o seguimento ético do presente estudo.

c) Riscos

Segundo a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, não há pesquisa com seres humanos sem risco. Esta pesquisa não expôs a população a riscos previsíveis, a comunidade esteve exposta apenas aos riscos já presentes no seu cotidiano: doenças endêmicas da região ou riscos adversos da dinâmica natural fluvial (cheia/vazante). Portanto, o presente estudo não acrescentou riscos além daqueles que a população da amostra já estava naturalmente exposta.

d) Benefícios

Conhecimento procedente da pesquisa que contribuirá para o desenvolvimento de alternativas efetivas para intervenção no futuro, pois pesquisas com populações tradicionais são de grande relevância, já que estas populações assumiram um papel de suma importância dentro do conceito de desenvolvimento sustentável.

3.4 Considerações Éticas

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amazonas no dia 17 de dezembro de 2013, uma vez que atendendo a resolução nº 196/1996, que dispõe que todos os estudos que envolvem a participação de seres humanos devem passar por apreciação ética antes de sua condução metodológica. Após submissão ao CEP, sob o número de CAAE 23665613.8.0000.5020, segunda versão, a relatoria aprovou, sem restrições, a condução do estudo “Comunidade Novo Horizonte no lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica, ambiental e cultural”, no dia 15 de janeiro de 2014.

3.5 Metodologia

Esta pesquisa consiste em um estudo descritivo exploratório, uma vez que o estudo exploratório objetiva uma maior familiaridade com o problema, sendo capaz de torna-lo explícito. A pesquisa exploratória envolve o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas e análise de exemplos que estimulem a sua compreensão. A pesquisa descritiva objetiva descrever as características de determinada população ou fenômeno, assumindo, no geral, uma forma de levantamento de dados (KAUARK et al., 2010).

Foi feito um levantamento bibliográfico, para a elaboração de um corpo teórico conceitual a respeito do tema escolhido. Já de posse do corpo teórico conceitual, foram realizadas análises e leituras de documentos da AMPROCONH - Associação dos Moradores e Produtores Rurais da Comunidade Novo Horizonte da Cabeceira do Janauacá, pois segundo Ratts (2001), as fontes não orais locais, que consistem em documentos e objetos pessoais, são também elementos relevantes para identificar a trajetória dos antigos, referindo-se ao passado e dando continuidade na memória dos vivos.

Para chegar aos resultados foram realizadas visitas de sondagem em junho de 2012, junho de 2013 e janeiro de 2014, bem como o registro fotográfico e, a apresentação e assinatura da carta de anuência e do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido – TCLE, para que a pesquisa fosse devidamente apresentada aos comunitários e, principalmente, para que fosse realizado um trabalho com toda a segurança e respaldo necessário. Então, foram aplicados questionários semiestruturados para 89 pessoas, escolhidas de forma aleatória na comunidade. Estes questionários foram gravados com um gravador portátil digital possibilitando que os entrevistados descrevessem minuciosamente os aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais da comunidade. De acordo com Baldin et al. (2004), algumas pesquisas com comunidades seguem procedimentos quantitativos para a aplicação dos questionários, mas uma análise de conteúdo qualitativo, como é o caso do presente trabalho.

Segundo Batistella et. al. (2005), as comunidades ribeirinhas da região Amazônica são compostas por moradores que dividem seu tempo entre as atividades de pesca e agricultura. Desse modo, as atividades produtivas da comunidade Novo Horizonte foram categorizadas e sistematizadas, para que fosse possível verificar como são realizadas e também, para que a pesquisa apresentasse a real importância das mesmas, dentro da organização social; a comunidade.

Já de posse dos dados, os resultados da pesquisa foram apresentados e discutidos em dois momentos. Primeiramente, em formato quantitativo por meio de gráficos e tabelas gerados no programa Excel 2010 e, no segundo momento, a apresentação da forma qualitativa por meio de uma associação das falas dos entrevistados com as fotografias e o corpo teórico conceitual acerca do tema da pesquisa, bem como a utilização destas falas transcritas quando houve necessidade. Para que dessa maneira a pesquisa pudesse apresentar um contraponto entre a realidade estudada e a bibliografia trabalhada.

3.6 Análise Estatística

O tamanho da amostra foi determinado com base na distribuição de probabilidade estatística de *t-student*. Foi utilizado o modelo estratégico para teste de hipóteses de média populacional com variância populacional desconhecida, considerando um nível de significância de 5% ($\alpha= 0,05$).

Tendo em vista que essa estimativa da população, a amostragem foi constituída por habitantes de todas as famílias da comunidade. O tamanho da amostra é estimado, considerando o valor da população (n) definido, uma vez que se conhece o tamanho real da população.

Para estimar o valor da distribuição *t-student*, foram utilizadas as equações:

$$\text{Eq (0.1)} \quad n_0 = \frac{t^2 p q}{d^2}$$

$$\text{Eq (0.2)} \quad n = \frac{n_0}{\left[1 + \left(\frac{n_0}{N}\right)\right]}$$

Onde:

n_0 = estimativa do tamanho da amostra;

t = valor da distribuição de probabilidade *t-student* associado ao nível de significância de ($\alpha = 5\%$, $t = 1,645$);

p = probabilidade de o entrevistado aceitar o valor sugerido, $p=0,5$;

q = probabilidade do o entrevistado não aceitar o valor sugerido, $q=0,5$;

d = erro permitido 5% ($d=0,05$);

n = tamanho da amostra;

N = tamanho da população.

Utilizando-se a equação acima, tem-se:

$$n_0 = 270,6025$$

$$n = 88,2687$$

Logo, a amostra final é composta por 89 pessoas, que foram escolhidas aleatoriamente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica

De acordo com os dados coletados e os documentos da AMPROCONH - Associação dos Moradores e Produtores Rurais da Comunidade Novo Horizonte da Cabeceira do Janauacá, a comunidade Novo Horizonte possui 139 habitantes organizados em 37 famílias.

Quanto ao gênero, aproximadamente 53% da população é do sexo masculino e os outros 47% são do sexo feminino. Mourão e Cruz (2012), afirma que a população masculina também é predominante na comunidade São João do Caapiranga no Lago Janauacá, no entanto, pode-se constatar a presença significativa das mulheres em todas as atividades produtivas. Tal fenômeno se repete na comunidade Novo Horizonte, pois 100% das famílias analisadas nessa pesquisa afirmam que os membros da família, inclusive as mulheres, estão envolvidos em alguma das etapas do processo produtivo.

A maioria dos moradores da comunidade tem entre 10 e 39 anos (Figura 02). De acordo com Casagrande e Souza (2012), ultimamente tem-se observado um processo de transição demográfica em toda a sociedade brasileira. Este processo também foi verificado na comunidade Novo Horizonte, onde se constatou que a população é composta em sua maioria por jovens e adultos, enquanto a população infantil vem declinando. A transição demográfica é definida como um processo de mudança de uma sociedade com altos níveis de mortalidade e fecundidade para uma sociedade com níveis reduzidos de taxas de mortalidade e natalidade. Com a diminuição da população de crianças, devido à queda na taxa de fecundidade, verifica-se um aumento na expectativa de vida da comunidade, ou seja, projeta-se um aumento no número de idosos.

Tangente ao estado civil, 50% dos comunitários são casados, 47% são solteiros e 1% são viúvos (Figura 03). No que diz respeito à naturalidade, 49% da população nasceu na capital Manaus, mas reside nas comunidades do Lago Janauacá desde que nasceu, 47% da população é nativa e apenas 4% desta população nasceu em outros municípios do estado do Amazonas e mudou-se para a região nos últimos anos, após se casar com antigos moradores da comunidade Novo Horizonte (Figura 04).

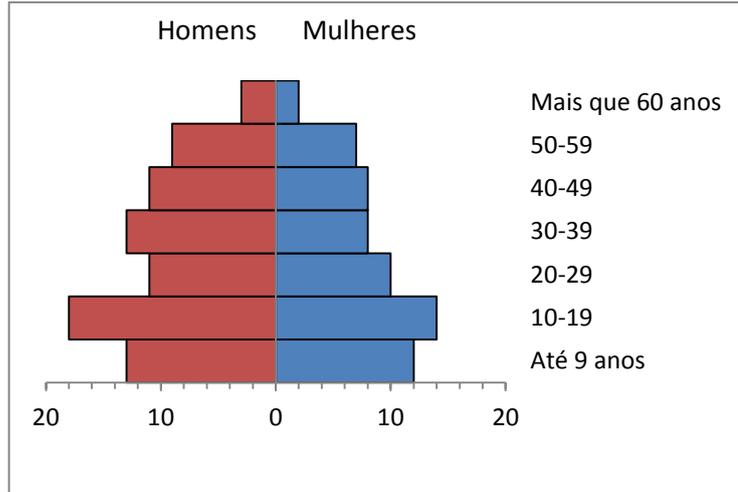


Figura 02. Pirâmide etária da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM

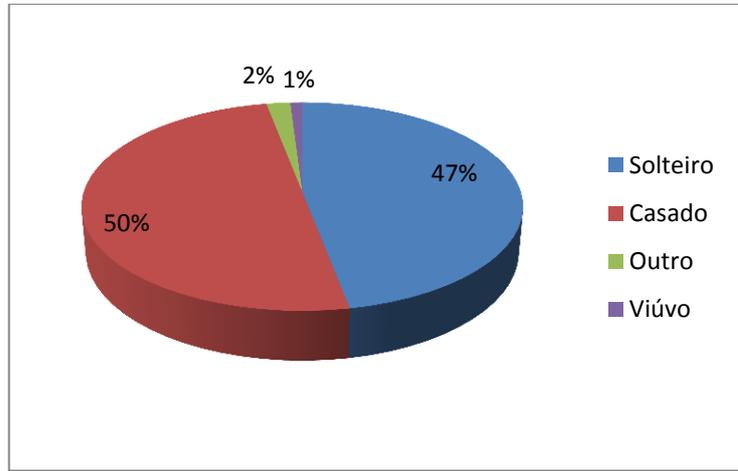


Figura 03. Perfil dos moradores da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM: estado civil

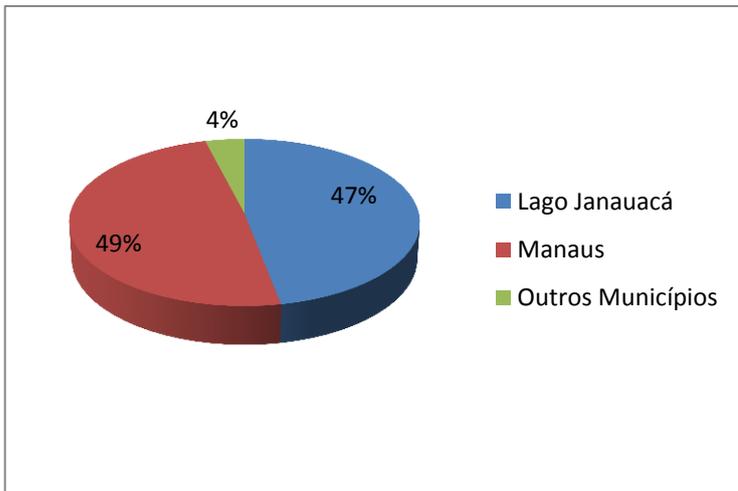


Figura 04. Perfil dos moradores da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM: naturalidade

A principal atividade produtiva do Lago Janauacá é a mandioca, pois 100% das famílias trabalham com o cultivo de mandioca em lavouras temporárias e com a produção manual da farinha voltada principalmente para o comércio. De acordo com Diegues (2007), a sazonalidade das águas é um elemento essencial nas sociedades tradicionais, pois estas sociedades organizam suas atividades econômicas e sua vida social em função da estação das águas e da estação seca. No caso da comunidade Novo Horizonte esta sazonalidade define as atividades agrícolas.

De acordo com Mourão e Cruz (2012), o plantio de mandioca nas comunidades do Lago Janauacá ocorre de diversas formas, pois é realizado em diferentes ambientes, alguns produtores cultivam a mandioca em terra firme, outros em área de várzea e outros não cultivam. Na comunidade Novo Horizonte, 97% das famílias trabalham com o cultivo de mandioca, mesmo aquelas famílias que moram em casas flutuantes e possuem terrenos às margens do lago, destinados para a agricultura de lavouras temporárias. Bem como, a produção de farinha nas casas de farinha. No entanto, cerca de 3% da população não desenvolve tais atividades agrícolas em suas propriedades, porém vendem sua força de trabalho para outras famílias produtoras de farinha, atuando como diaristas na produção (Figura 05).

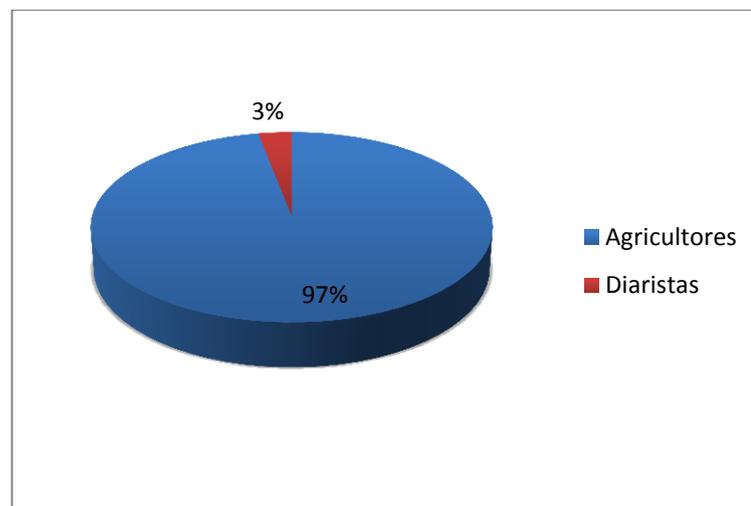


Figura 05. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: trabalho

O escoamento da produção de farinha é feito através da venda para os atravessadores, pessoas que vão até a região compram a produção para revender na capital. Assim como

afirma Mourão e Oliveira (2009), somente o trabalho é capaz de criar valor, os capitalistas se apropriam deste trabalho quando compram a produção camponesa a um preço bem inferior ao valor contido nesta produção. No entanto, a população acaba se tornando refém deste sistema de escoamento por falta de transporte próprio para levar sua própria produção para os grandes centros urbanos.

Paralelo à atividade agrícola em lavouras temporárias e a produção manual de farinha de mandioca, o extrativismo vegetal de produtos não madeireiros aparece como destaque nas atividades produtivas voltadas para o complemento da renda familiar. De acordo com os depoimentos dos entrevistados, cerca de 30% da população exerce diversas atividades complementares (Figura 06), tendo como destaque o processo artesanal de retirada de polpa de frutas cultivadas nos quintais das propriedades. A polpa de fruta mais comercializada na própria comunidade e nos municípios limítrofes é a polpa de cupuaçu.

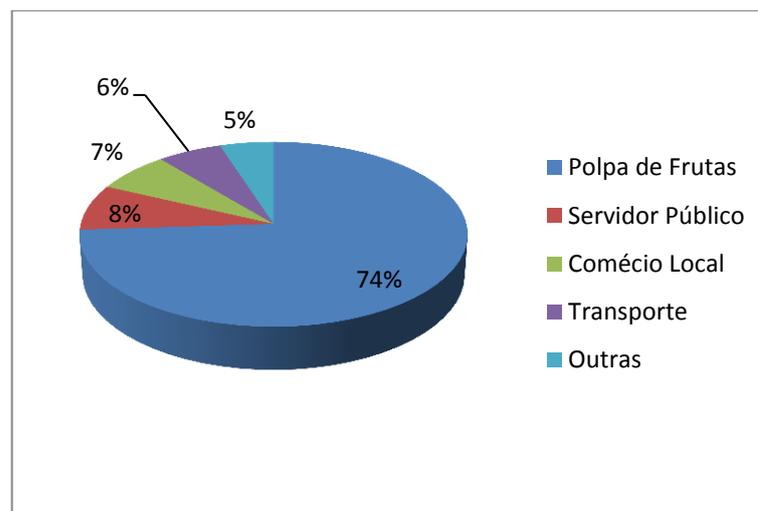


Figura 06. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: atividades complementares

Gaeta e Paternez (2011) afirmam que, a dieta dos ribeirinhos é baseada no pescado e na farinha de mandioca produzida pelos mesmos. Os outros alimentos, como por exemplo: arroz, carne de gado, massas e feijão; são consumidos secundariamente, em torno destes dois alimentos principais. Foi constatado que os ribeirinhos da comunidade Novo Horizonte também seguem essa dieta.

As atividades agrícolas, agropecuárias, extrativistas e pesqueiras, voltadas para o autoconsumo e subsistência, se estas atividades forem bem sucedidas, pode-se até vender o

excedente. No entanto, se trata de atividades difusas, exercidas por muitos comunitários e, por isso, a quantificação dessa produção torna-se complexa (MOURÃO e OLIVEIRA, 2009). Existe nos quintais e pomares da comunidade Novo Horizonte, uma variedade significativa de árvores frutíferas e temperos, principalmente cultivados em canteiros (Tabela 01).

Tabela 01. Cultivo de frutíferas nas propriedades da Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM

Frutíferas	Ocorrência nas propriedades (%)
Açaí	25%
Abacate	11%
Abil	4%
Bacaba	21%
Banana	29%
Biribá	11%
Buriti	7%
Caju	7%
Castanha	7%
Coco	21%
Cupuaçu	68%
Graviola	7%
Ingá	11%
Jaca	7%
Jambo	21%
Laranja	18%
Limão	7%
Mamão	7%
Manga	50%
Mari	11%

Relativo à criação de animais (Tabela 02) para o próprio consumo, foi constatado que ela acontece de forma menos significativa, já que os hábitos alimentares da população estão ligados diretamente ao consumo de peixe.

Tabela 02. Criação de animais nas propriedades da Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM

Animais	Ocorrência nas propriedades (%)
Cavalo	25%
Carneiro	7%
Gado	14%
Galinha	62%
Pato	32%
Peru	3%
Porco	14%

Ainda relativo às unidades produtivas e as práticas voltadas para a subsistência, Mourão e Oliveira (2009) relata que no Lago Janauacá quem exerce atividades agrícolas para comercializar, pesca apenas para o autoconsumo e quem exerce a pesca comercial e industrial só planta para o autoconsumo. Foi constatado que os moradores da comunidade Novo Horizonte pescam apenas para suprir suas necessidades alimentares. Através das particularidades encontradas na região.

Entende-se que no Lago Janauacá a dinâmica e as relações de produção são bem delimitadas, como unidade territorial de agricultores e pescadores, sendo esta divisão visível mais pela percepção cultural dos moradores e recentemente pela legislação do Estado. Este espaço é subdividido pelas formas de uso e as relações de produção são os reflexos dos limites estabelecidos nas comunidades. (MOURÃO e CRUZ, 2012, p. 5).

Segundo Mourão e Cruz (2012), estudar as peculiaridades existentes nos sistemas produtivos das comunidades do Lago Janauacá, é o mesmo que revelar uma força contraditória nas relações de mercado e o potencial de reprodução e também a resistência deste lugar. Deste modo, estas relações ali construídas se perpetuam para as futuras gerações. Relativo à renda familiar, a estimativa dos comunitários não se dá mensalmente, mas sim anualmente, pois está ligada a atividade agrícola em lavouras temporárias e/ou produção manual de farinha. Foi constatado que os comunitários seguem um ciclo produtivo de acordo com a dinâmica do rio, o qual durante os primeiros meses do ano é realizado o plantio da mandioca, nos demais meses do ano é realizado a manutenção das lavouras e nos últimos meses do ano acontece a colheita da mandioca e a produção da farinha de mandioca. Tal

ciclo, de acordo com os próprios comunitários, é repetido anualmente. Este fato foi explicado pela comunitária Odete Valéria da Silva:

A gente trabalha assim com a mandioca, então nós planta uma roça, cuida e faz as farinhada no fim do ano. Nós ganha por ano com a farinha. Entendeu? (*sic.* Odete Valéria da Silva, Janeiro de 2014.)

Respeitando o ciclo anual de cultivo da mandioca, produção e comercialização da farinha, os comunitários entrevistados preferiram fazer uma estimativa anual da sua renda. Para Prosenewicz e Lippi (2012), as populações da Amazônia brasileira mantêm níveis de pobreza muito elevados e baixa qualidade de vida, se comparados à média nacional. Deste modo, o crescimento econômico surge devido à exploração dos recursos naturais e em meio a uma pobreza crônica. Tal fato explica a situação econômica encontrada na comunidade estudada, já que a maioria das famílias possui uma renda anual menor que sete salários mínimos (Figura 07).

Acerca do nível de escolaridade da população, 1% dos indivíduos se declararam analfabetos, 5% foram apenas alfabetizados, 43% tem ensino fundamental incompleto, 2% têm ensino fundamental completo, 7% concluíram o ensino médio e 3% têm ensino superior. Enquanto a parcela da população que ainda está em idade escolar, foi constatado que 40% estão cursando o ensino fundamental e 7% está cursando o ensino médio (Figura 08). Deste modo, foi constatado que a população adulta tem um nível de escolaridade baixo e a maioria das crianças e jovens em idade escolar frequentam a escola.

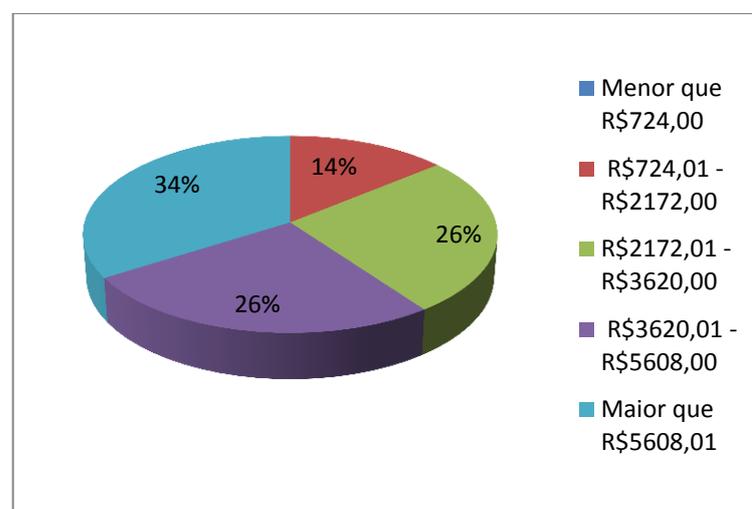


Figura 07. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: renda familiar

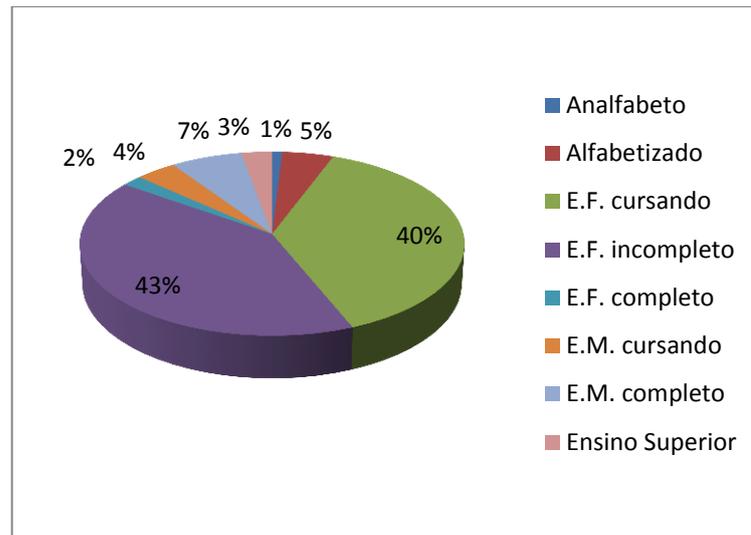


Figura 08. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: escolaridade

Tangente à moradia, todas as casas são próprias e estão ligadas a rede elétrica, inclusive as casas flutuantes. O estilo de moradia que prevalece é o de madeira (Figura 9), e de forma geral, estas moradias estão adaptadas para os períodos de elevação do nível do rio, pois nenhum dos moradores relatou ocorrência de alagamento de suas residências.

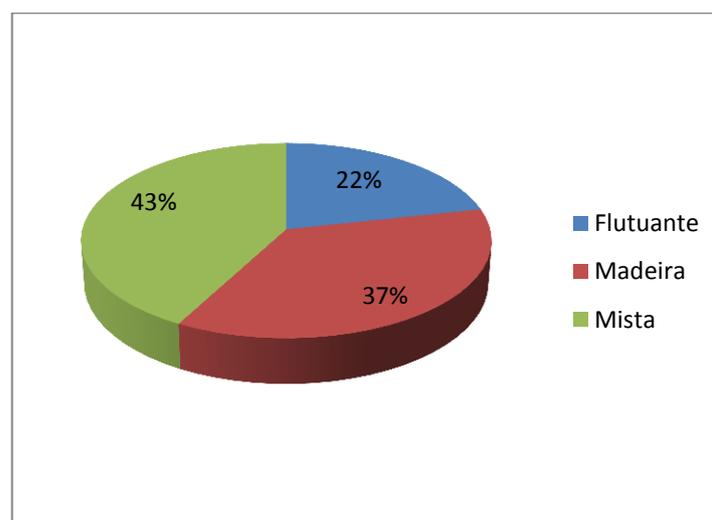


Figura 9. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica: tipo de moradia

4.2 Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural

No que diz respeito ao saneamento básico, não existe rede de esgoto na comunidade. Quando questionados sobre a destinação do esgoto doméstico, a maioria da população afirmou fazer o uso de fossas rudimentares e as demais famílias despejam o esgoto direto no rio (Figura 10). A falta de saneamento revelou-se é um grande problema para a população, pois acarreta a proliferação de doenças. Deste modo, o saneamento básico se destaca como um dos principais meios de prevenção de doenças (RIBEIRO e ROOKE, 2010).

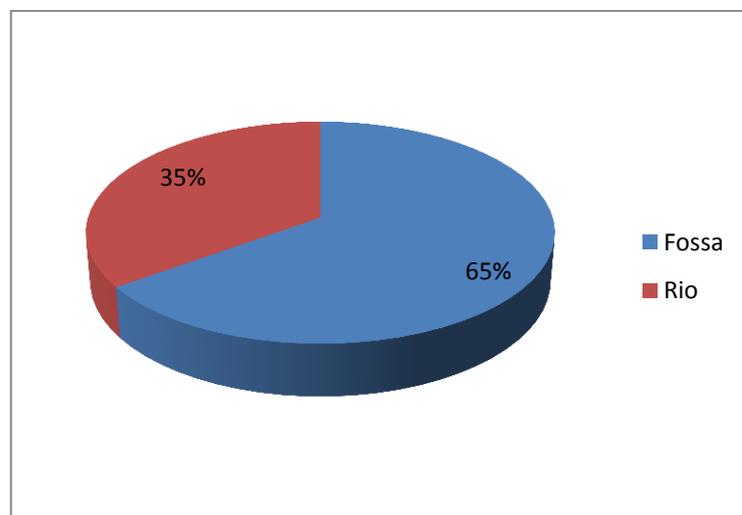


Figura 10. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural: esgoto

Diegues (2007) relata que nas sociedades tradicionais, apesar da água ter de usos múltiplos, como por exemplo, lavar, beber, irrigar, existe necessidades menos diversificadas que nas sociedades urbano-industriais. Entretanto, nas duas sociedades as águas podem ser contaminadas e poluídas, mas é a cultura da população que determina o que é poluição ou não. Esse fenômeno é identificado na comunidade Novo Horizonte que não tem preocupação com a destinação e o tratamento do esgoto, o que compromete diretamente a qualidade da água destinada para o consumo da população local.

De acordo com os dados coletados, uma grande parcela da população não tem acesso à água tratada, já que afirmam retirar água direto do rio para o consumo. Outra parcela significativa da população afirma fazer o uso de hipoclorito de sódio 2,5%, solução distribuída pela agente de saúde do município de Manaquiri, no entanto, os moradores que

estão na margem oposta do lago, que é regida pela prefeitura do município do Careiro Castanho, não tem acesso a esse tipo de tratamento de água. Em contrapartida, uma pequena parcela da população tem acesso direto à água potável vinda de poço artesiano, pois estas famílias que dispunham de condições financeiras pagaram para furar poços em suas propriedades (Figura 11).

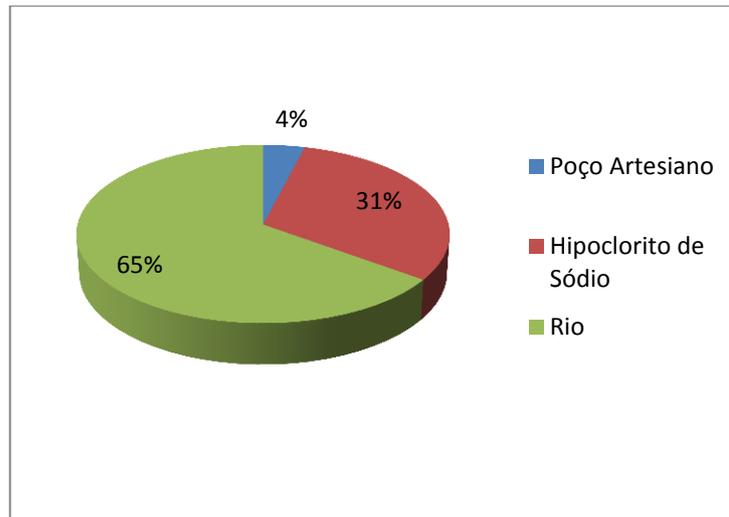


Figura 11. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural: acesso à água potável

Para Ribeiro e Rooke (2010), quando se observa presença de bactérias do grupo coliforme na água, é um indicador de que a água está contaminada por fezes. Os coliformes também podem ser encontrados no solo, nos alimentos. Essas bactérias são oriundas da presença de animais e/ou seres humanos que utilizam o rio para dessedentação ou de esgotos sanitários que são lançados diretamente no rio, tornando a água imprópria para o consumo. Então, os principais usos da água na comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM podem apresentar riscos a saúde da população devido a falta de saneamento básico.

A destinação dos resíduos sólidos nas dependências da comunidade também se revelou um problema, pois o lixo produzido pelos comunitários quando não é queimado é depositado em algum terreno às margens do rio (Figura 12). Segundo a Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental (2009), o gerenciamento dos resíduos sólidos é considerado outra dimensão do saneamento básico. Deste modo, a instalação de um sistema simplificado para coleta e destino do lixo gerado em pequenas comunidades é de fundamental importância para

manter a higiene, proteger a saúde da população, e, principalmente promovendo a conservação o meio ambiente.

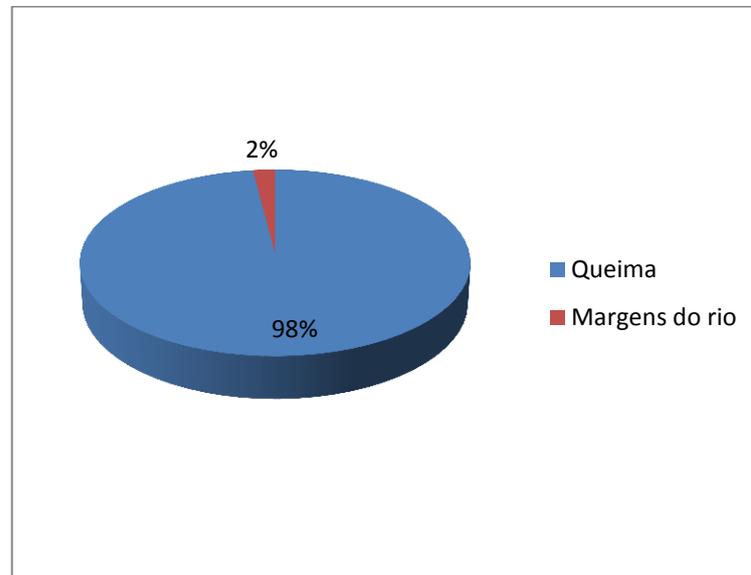


Figura 12. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural: destinação dos resíduos sólidos

Quando indagados sobre o conceito de meio ambiente, a maioria dos entrevistados foi capaz de apresentar um conceito (Figura 13). No geral, os conceitos apresentados estão relacionados a lixo e poluição, como por exemplo:

Nóis num entende nada. Porque nóis queima capueira, mata e num pode. Num é nem pra queimá. Igual o lixo que nóis queima e num era pra queimá. (sic. Jonas Rainel de Araújo. 2014, janeiro)

É num joga o lixo, tem muita gente que joga dentro d'água e é melhor queimá. (sic. Samuel Feitosa do Nascimento. 2014, janeiro)

É uma coisa que deve ser preservada, as mata é muito devastada. Os peixe tem muito pouco por causa da pesca predatória e na época do rio cheio a gente sofre. Não tem ninguém que ajuda nóis preservá. A gente precisa de patrulha mecanizada e ninguém olha pela gente, a gente acaba derrubando fazendo devastação que não era pra fazer e acaba derrubando as mata que num era pra derrubá porque num tem apoio do governo. Artesanalmente as pessoas trabalha muito, se mata na lavoura porque num tem uma patrulha mecanizada. A gente daz coisa que num era pra fazê. A piscicultura tem hora que falta, porque é muita demanda. Meio ambiente é tudo, o futuro para nossos filhos e se a gente num cuidá se acaba. (sic. Izac Campos do Nascimento. 2014, janeiro)

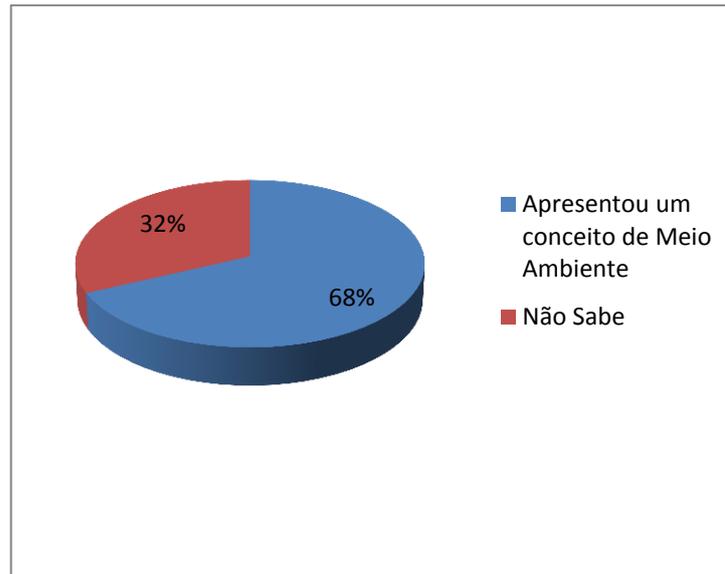


Figura 13. Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM sob uma ótica ambiental e cultural: conceito de meio ambiente

No entanto, a destinação dos resíduos sólidos e de esgoto, bem como o uso de água sem tratamento na comunidade Novo Horizonte é preocupante, pois as práticas adotadas não se revelaram sustentáveis. A queima do lixo, que para os comunitários é sinônimo de limpeza, polui o ar, podendo causar danos à saúde dos mesmos dependendo do tipo de material que é queimado; o escoamento do esgoto para o rio além de causar danos à vida aquática, além de, causar vários danos à saúde das pessoas que entram em contato com a água dos rios e; o escoamento do esgoto para fossas causa a poluição do solo e do lençol freático, sendo capaz de contaminar até a água dos poços artesianos que abastecem as casas.

A diversidade cultural encontrada na Amazônia revela estratégias muito peculiares de sobrevivência, pois cada comunidade é capaz de revelar um universo particular ímpar. Na comunidade Novo Horizonte a população revela um paradigma no que diz respeito à conservação dos recursos naturais, pois criaram mecanismos particulares de sobrevivência. No entanto, os hábitos culturais do cotidiano desta população ribeirinha têm causado impactos ambientais graves como, por exemplo, a poluição dos cursos de água e do solo.

A diversidade cultural das populações tradicionais Amazônicas passa por mudanças constantes, pois são influenciadas por diversos fatores externos. Um fator externo muito relevante dentro dos hábitos culturais da comunidade Novo Horizonte é a religião, pois todos os entrevistados são membros da Igreja Batista Filadélfia. Nas dependências da comunidade

existe uma sede da Igreja, onde acontecem todos os festejos e encontros da população local, sejam eles de cunho religioso ou não. A história da fundação da Igreja foi contada pelo comunitário Izac Campos do Nascimento.

Segundo meu pai, é, no ano de 1960 entrou um homem chamado Ivino e era um lugar muito habitado por pessoa de fora, foi quando, era muita briga e todo mundo andava armado, aquele negócio. O que aconteceu?! Aí veio esse homem e depois o pastor Miguel e a Primeira Igreja Batista lá, e a Primeira Igreja Batista cresceu e desenvolveu um bom trabalho para o Senhor e o próprio pastor Miguel fundou a nossa Igreja Batista Filadélfia. (*sic.* Izac Campos do Nascimento. 2014 Janeiro.)

Segundo Pountignat et al. (1998), a modificação dos hábitos culturais se dá porque os grupos étnicos não surgem do isolamento geográfico, mas sim de processos sociais produtores da diferença cultural. A adstrição promove o deslocamento do olhar da constituição cultural dos grupos sociais para as fronteiras diferenciadoras e os mecanismos de sua manutenção. Deste modo a cultura original de um grupo étnico não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subentende, a do contraste, determina vários processos.

Quando abordados sobre mitos, histórias e lendas os comunitários preferem não comentar fenômenos relacionados ao lúdico e/ou imaginário, optam por relatar fatos reais ocorridos na região como, por exemplo, uma disputa que ocorreu há décadas na região conhecida como Guerra do Peixe. A batalha é muito comentada pelos moradores da região, como mostra a fala do morador Izac Campos do Nascimento.

Uma das história que muito marcou Janauacá foi a guerra do Peixe. A guerra do peixe foi o seguinte: o povo do Tilheiro, da entrada lá, queriam invadir pra cá pra pesca. E eles entrava pra pesca e a população pedia pra eles num vim, pedia pra eles não invadi. Havia um homem chamado de Batista que dizia que se acaba os peixe ele ia gela gente. Isso revoltou a população, os moradores e os caboco. E os caboco se reuniu e foram ao encontro dele, que ele vinha entranu com o barco de pesca, e o povo pedia pra ele num entrá e ele vinha entranu. E foi quando travou uma grande batalha dos pescador e dos agricultor. Naquela época. E morreu esse home ficou marcado até hoje a guerra do peixe. (*sic.* Izac Campos do Nascimento. 2014 janeiro)

Mourão e Oliveira (2009) afirmam que a Guerra do Peixe ocorreu no Lago Janauacá em 1973. Conflito este que causou a destruição de equipamentos de pesca, de barcos e mortes de moradores locais. O conflito ocorrido há anos ainda está presente na fala dos moradores da

região, pois se trata de um marco histórico para os moradores que se lembram do derramamento de sangue com receio. No entanto, várias regiões do Amazonas foram cenários de conflitos semelhantes à Guerra do Peixe, mas com registro de morte o único foi no Lago Janauacá.

4.3 Reivindicações dos moradores da Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM e sugestões de melhorias

Em fevereiro de 2011 os moradores da comunidade fundaram a AMPROCONH - Associação dos Moradores e Produtores Rurais da Comunidade Novo Horizonte da Cabeceira do Janauacá, a qual o presidente é o morador Elias Campos do Nascimento. O objetivo da associação é unir forças para lutar pelos direitos de todos comunitários e melhorar a qualidade de vida da população.

Tangente às reivindicações dos entrevistados, os comunitários solicitam melhorias no sistema de ensino, na saúde e subsídio do governo para aprimorar a produção agrícola e de farinha. No entanto, a grande preocupação da população é a manutenção da estrada do ramal Cinturão Verde que liga a comunidade a BR 319, sendo este ramal o principal acesso aos municípios (Figura 14).

Para Calegare et al. (2011), na região amazônica, são poucas as comunidades rurais que possuem posto de saúde, pavimentação, saneamento básico, energia elétrica, abastecimento de água, escolas, ou seja, a infraestrutura básica. A comunidade Novo Horizonte tem apenas uma característica diferente das apresentadas pelo autor, pois todas as casas possuem energia elétrica.

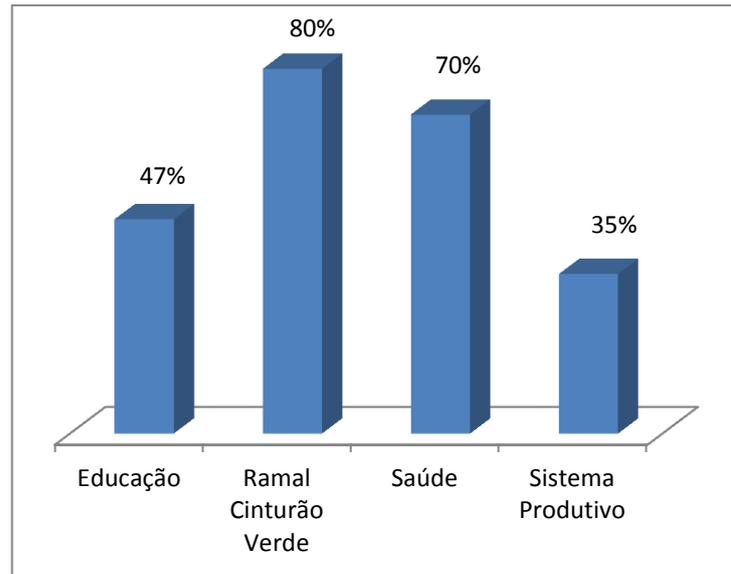


Figura 14. Reivindicações dos moradores da Comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá - AM

Pode-se afirmar, de acordo com a percepção dos moradores entrevistados, que os serviços públicos de primeira necessidade apresentam problemas necessitam ser solucionados. Há necessidade de melhoria do ensino, implantação de um posto de saúde, estações de tratamento de água e esgoto, manutenções contínuas da única via de acesso à comunidade, o ramal Cinturão Verde, bem como a criação de projetos e políticas públicas para obtenção de verba dos governos municipal, estadual e federal para a melhoria do sistema produtivo da região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

OBJETIVO 1: Realizar a caracterização das unidades produtivas da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá- AM.

A economia da comunidade Novo Horizonte gira em torno da mandioca, já que todas as famílias da região vivem da produção da farinha de mandioca. A maioria das famílias da região cultivam lavouras temporárias de mandioca em suas propriedades, e a sazonalidade do rio que define a época do plantio. Em contrapartida, as famílias que não tem lavouras em suas propriedades trabalham como diarista para os produtores de farinha da região, já que a produção de farinha na região é feita de forma artesanal.

Apesar da economia da região ser movimentada pela atividade agrícola em lavouras temporárias e pela produção manual de farinha de mandioca, o extrativismo vegetal de produtos não madeireiros se destaca como atividade produtiva para complemento de renda das famílias. A principal fonte de renda extra é a comercialização polpa de frutas cultivadas nos quintais das propriedades, o beneficiamento das polpas também é feito de forma artesanal. A polpa de fruta mais comercializada na própria comunidade e nos municípios limítrofes é a polpa de cupuaçu.

OBJETIVO 2: Analisar a relação dos moradores da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM com o meio ambiente.

Os moradores da comunidade Novo Horizonte, assim como os demais moradores do Lago Janauacá, vivem principalmente dos recursos naturais da região. No entanto há uma ineficácia na forma que os comunitários estão gerindo estes recursos, pois foi constatado que não existe tratamento de água, de esgoto e destinação adequada dos recursos sólidos. A falta de políticas públicas voltadas para esses setores pode ser responsável pela proliferação de vetores e transmissão de doenças para os moradores e, futuramente, uma escassez de recursos naturais de qualidade para suprir a necessidade dos ribeirinhos.

OBJETIVO 3: Investigar os elementos culturais, mitos e lendas presentes no cotidiano dos moradores da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM.

A Amazônia é palco de diversos e curiosos episódios de manifestações cultural, no caso da comunidade Novo Horizonte há um fenômeno ímpar no que diz respeito à crença em

mitos e lendas. A presença da Igreja Filadélfia na região, desde a década de 1960, fez com que os todos moradores se tornassem seguidores desta religião, este fenômeno acabou afastando a população dos mitos e lendas presentes em diversas populações da Amazônia, pois os mesmos preferem acreditar e relatar apenas histórias verídicas como, por exemplo, a Guerra do Peixe. O confronto ocorrido na década de 1970 entre moradores do Janauacá e pescadores de outras regiões é muito conhecido em todo o estado do Amazonas, por se tratar da única disputa com registro de morte.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. W. B. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Vol.6, nº 1. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), maio de 2004. p. 9-32.
- ARRUDA, R. “Populações Tradicionais” e a proteção de recursos naturais em Unidades de Conservação. In: *Ambiente & Sociedade*, ano II, n 5, 1999.
- ARRUDA, R. S. V.; DIEGUES, A. C. Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- ABIRACHED, C. F. A.; BRASIL, D.; SHIRAISHI, J. C. Áreas Protegidas e Populações Tradicionais: Conflitos e Soluções. V Encontro Nacional da Anppas - 4 a 7 de outubro de 2010, Florianópolis - SC – Brasil, 2010.
- BALDIN, N. et al. Instrumento de pesquisa (questionário) em educação ambiental comunitária – elaboração e testagem: uma experiência na comunidade Vila Nova em Joinville/SC. *Revista Saúde e Ambiente / Health and Environment Journal*, Joinville – SC:. 2004.
- BARRETO, Paulo et al .Pressão Humana na Floresta Amazônica Brasileira. Belém: WRI; mazon, 2005.
- BATISTELLA, Alexandre Milaré. Conhecimento dos moradores da comunidade de Boas Novas, no Lago Janauacá – Amazonas, sobre os hábitos alimentares dos peixes da região. In: *Acta Amazônica* Vol. 35(1). Manaus-AM, 2005.
- BRASIL, 2007. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais. Decreto 6.040 de fevereiro de 2007.
- CASTRO, Fábio de & MCGRATH, David. O manejo comunitário de lagos na Amazônia. In: *Parcerias Estratégicas* Vol. 12. GCEE, 2001.
- CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar et. al. Organização sócio-política para o desenvolvimento local das populações ribeirinhas no Amazonas. IV Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA: São Luís – MA, 2011.
- COPOBIANCO et al. (Org). Biodiversidade na Amazônia Brasileira. São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2001.
- COSTA FILHO, A.; ALMEIDA, R. A.; MELO, P. B. Comunidades tradicionais e as política públicas. 2004.
- CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. W. B. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: CAPOBIANCO, João Paulo Ribeiro et al. Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios. São Paulo, Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2001.

DA SILVA, J. S. Altimetria Espacial Aplicada aos Estudos de Processos Hídricos em Zonas Úmidas da Bacia Amazônica. Tese (doutorado). Rio de Janeiro, UFRJ/ COPPE / Programa de Engenharia Civil, 279 p. 2010.

DIEGUES, A. C. S. Populações Tradicionais em Unidades de Conservação. In: VIEIRA, P. F.; MAIMON, D. (Org.). As Ciências Sociais e a Questão Ambiental: Rumo à Interdisciplinaridade. Belém: NAEA/UFPA, 1993.

DIEGUES, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

DIEGUES, A. C. S. O mito do paraíso desabitado nas florestas tropicais brasileiras. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (orgs). Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: CEJUP, UFPA-NAEA, 1997.

DIEGUES, A. C. Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil. NUPAUB-USP/PROBIO-MMA/CNPq: São Paulo, 1999.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F.; FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil, 2000. 211 p.

DIEGUES, A. C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: Diegues, A. C. (Ed.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. Hucitec Ltda. São Paulo: p:01-46. 2000.

DIEGUES, A. C. Água e Cultura nas Populações Tradicionais. I Encontro Internacional: Governança da Água. Procam/Nupaub-USP: São Paulo, 2007.

DIEGUES, A. C. S. et al. “Populações tradicionais” e biodiversidade na Amazônia: levantamento bibliográfico georreferenciado. In: CAPOBIANCO, J. P. R. et al. Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios. São Paulo, Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2001.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S.V (Org). Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. São Paulo: USP, 2001.

DUBOIS, J. C. L.; VIANA, V. M.; Anderson, A. B. Manual agroflorestal para a Amazônia. v. 1, REBRAAF, Rio de Janeiro, 1996.

FORSBERG, B.R.; MELACK, J.M.; KEMENES, A.; BELGER, L. O papel dos ecossistemas aquáticos amazônicos nos ciclos regional e global de carbono. In: II Simpósio em Ecologia “Ciclo do Carbono em Ambientes Aquáticos Continentais”, resumos de palestras, Rio de Janeiro, p. 4. 2008.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. Cultura Cabocla-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

GAETA, T. L.; PATERNEZ, A. C. A. C. Avaliação do Consumo Alimentar da População Ribeirinha do Rio Negro-Amazônia. VII Jornada de Iniciação Científica. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

GHIRARD, A. 2008. Batimetria do Lago Janauacá (AM). In: Bonnet, M.P. Rapport de la mission CBM3 pro-CARBAMA. Acessado em 2014. Disponível em <<http://www.orehybam.org/index.php/fre/Documents/Field-campaign-reports/Brazil>>.

JUNK, W. J.; BAYLEY, P. B.; SPARKS, R. E. 1989. The flood pulse concept in river-floodplains systems. In: Dodge, D.P. (Ed.) Proceedings of the International Large River Symposium. Canadian Special Publication of Fisheries and Aquatic Sciences, 106, pp. 110-127.

JUNK, W.J.; HOWARD-WILLIAMS, C. Ecology of aquatic macrophytes in Amazonia. In: Sioli, H. (Ed.). The Amazon: limnology and landscape ecology of a mighty tropical river and its basin. Monographiae Biologicae 56. Dordrecht, Dr. W. Junk Publishers, pp. 269- 293. 1984.

KAUARK, Fabiana da Silva et. al. Metodologia da Pesquisa: um guia prático. Editora Via Litterarum: Itabuna – BA, 2010.

KEDDY, P. A.; FRASER, L. H. Introduction: Big is beautiful. In: Fraser, L.H. & Keddy, P.A. (Eds). The World's Largest Wetlands: Ecology and Conservation. Cambridge (United Kingdom): Cambridge University Press. pp.:1–10. 2005.

KEDDY, P.; FRASER, L. H; SOLOMESHCH, A. I.; JUNK, W. J.; CAMBELL, D. R.; ARROYO, M. T. K.; ALHO, C. J. R. Wet and wonderful: the world's largest wetlands are conservation priorities. *BioScience*, 59 (1): 39–51. 2009.

LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. In: Estudos Avançados n 19 (54), 2005.

LINHARES, J. F. P. Populações tradicionais da Amazônia e territórios de biodiversidade. *Revista Pós Ciências Sociais*. v. 1 n. 11, 2009.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2002.

LEFF, ENRIQUE. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 1.ed. São Paulo:Vozes, 2001.

KEDDY, P. A.; FRASER, L. H. Introduction: Big is beautiful. In: Fraser, L.H. & Keddy, P.A. (Eds). The World's Largest Wetlands: Ecology and Conservation. Cambridge (United Kingdom): Cambridge University Press. pp.:1–10. 2005.

MELACK, J. M.; HESS, L. L. Remote sensing of the distribution and extent of wetlands in the Amazon basin. In: JUNK, W.J.; PIEDADE, M.T.F.; WITTMANN, F.; SCHÖNGART, J.; PAROLIN, P. (Eds.) Amazonian Floodplain Forests: ecophysiology, ecology, biodiversity and sustainable management. Springer, Ecological Studies Series,210, pp. 43-59. 2010.

MAYBURY-LEWIS, B. Terra e água, identidade camponesa como referência de organização política entre os ribeirinhos do rio Solimões. In: Furtado, L. Amazônia, desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida, Núcleo de Meio-Ambiente, UFPA, 1997.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. In: Estudos de Psicologia. Vol. 3. Pág. 121-130. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.

MOURÃO, M. H.; OLIVEIRA, E. G. Considerações preliminares sobre a produção camponesa no lago Janauacá – AM. São Paulo: XIX Encontro de Geografia Agrária, 2009.

MOURÃO, M. H.; CRUZ, M. de J. M. Diagnóstico socioambiental no Lago Janauacá – AM: uma análise parcial na comunidade do São João do Caapiranga. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária: Uberlândia – MG, 2012.

PIMBERT, M. P.; PRETTY, J. N. In: DIEGUES, A. C. (Org.) Etnoconservação: novos rumos para conservação da natureza. HUCITEC / NUPAUB- USP, São Paulo, 2000.

PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E. Biologia da conservação. Londrina: E. Rodrigues, 2001.

PROSENEWICZ, I.; LIPPI, U. V. Acesso aos Serviços de Saúde, Condições de Saúde e Exposição aos Fatores de Risco: percepção dos pescadores ribeirinhos do Rio Machado de Ji-Paraná, RO. Saúde Soc. São Paulo, V.21, n.1, p. 219-231. São Paulo, 2012.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SECRETARIA NACIONAL DE SANEAMENTO AMBIENTAL (Org.). Transversal: saneamento básico integrado às comunidades rurais: e populações Tradicionais: guia do profissional em treinamento: nível 2. Ministério das Cidades: Brasília, 2009.

SIOLI, H. The Amazon and its main affluents: Hydrography, morphology of de river courses, and river types. In: Sioli, H. (Ed.): The Amazon: limnology and landscape ecology of a mighty tropical river and its basin. Monographiae Biologicae 56. Dordrecht, Dr. W. Junk Publishers, pp. 127-165. 1984.

RAI, H.; HILL, G. Primary production in the Amazonian aquatic ecosystem. In: Sioli, H. (Ed.). The Amazon: Limnology and landscape ecology of a mighty tropical river and its basin. Monographiae Biologicae 56. Dordrecht, Dr. W. Junk Publishers, pp. 311- 335. 1984.

RATTS, A. J. P. O mundo é grande e a nação também: identidade e mobilidade em territórios negros. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de São Paulo. São Paulo: 2001.

RIBEIRO, J. W.; ROOKE, J. M. S. Saneamento básico e sua realação com o meio ambiente e saúde pública. Curso de Especialização em Análise Ambiental. Universidade Federal de Juíz de Fora: Juíz de Fora – MG, 2010.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1980. (1ª Edição norte-americana: Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1974).

WITTMANN, F.; SCHONGART, J. & JUNK, W. J. Phytogeography, species diversity, community structure and dynamics of central amazonian floodplain forests. In: Junk, W.J.; Piedade, M.T.F.; Wittmann, F.; Schöngart, J. & Parolin, P. (eds.) Amazonian Floodplain Forests: ecophysiology, ecology, biodiversity and sustainable management. Springer, Ecological Studies Series, v.210, pp. 43-59. 2010.

ANEXOS



Foto 01. Produção manual de farinha de mandioca na comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM. Autor: CANDIDO, Priscilla Ribeiro. 2012.



Foto 02. Produção manual de farinha de mandioca na comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM. Autor: CANDIDO, Priscilla Ribeiro. 2013.



Foto 03. Casa de farinha as margens do Lago Janauacá – AM. Autor: CANDIDO, Priscilla Ribeiro. 2013.



Foto 04. Produção familiar manual de polpa de cupuaçu na comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá - AM. Autor: CANDIDO, Priscilla Ribeiro. 2014.



Foto 5. Cultivo de frutas nos quintais da comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM. CANDIDO, Priscilla Ribeiro. 2014.



Foto 06. Animais criados na comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM. CANDIDO, Priscilla Ribeiro. 2014.



Foto 07. Sede da Igreja Batista Filadélfia na comunidade Novo Horizonte no Lago Janauacá – AM. CANDIDO, Priscilla Ribeiro. 2013.

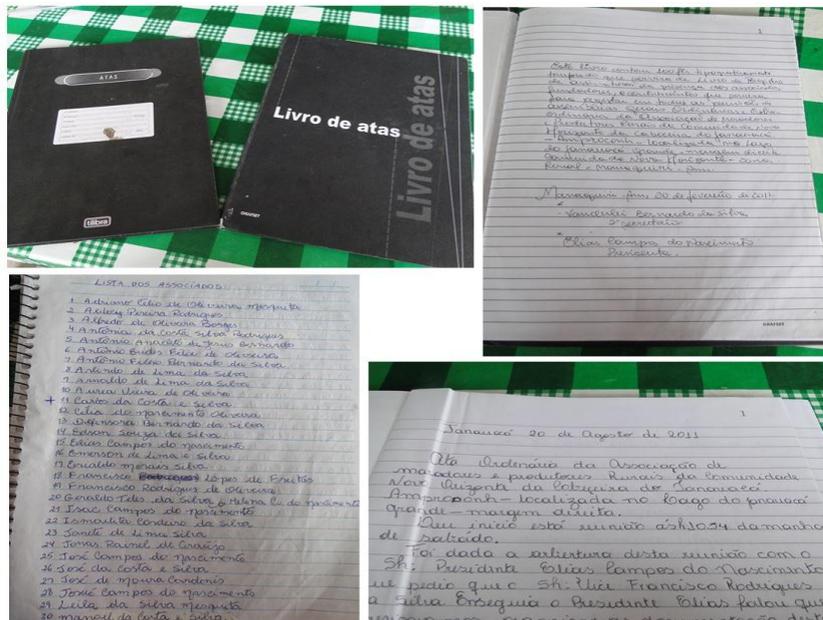
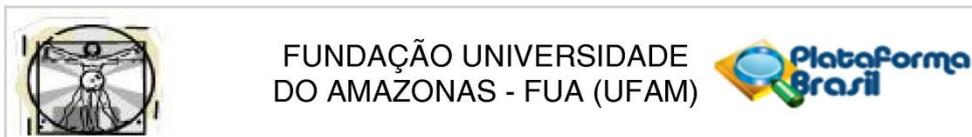


Foto 08. Documentos (atas) da AMPROCONH - Associação dos Moradores e Produtores Rurais da Comunidade Novo Horizonte da Cabeceira do Janauacá – AM. CANDIDO, Priscilla Ribeiro. 2014.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMUNIDADE NOVO HORIZONTE DO LAGO JANAUACÁ - AM SOB UMA ÓTICA SOCIOECONÔMICA, AMBIENTAL E CULTURAL

Pesquisador: Julio Tello

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 23665613.8.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Agrárias

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

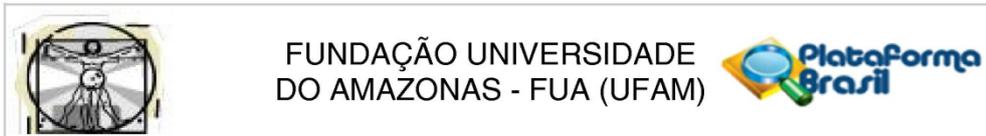
Número do Parecer: 511.076

Data da Relatoria: 15/01/2014

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa consiste em um estudo descritivo analítico que terá como resultado a dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Florestais e Ambientais, Programa de Pós-Graduação Strictu-Sensu em Ciências Florestais e Ambientais - PPGCIFA, tendo como objetivo geral: descrever a comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá - AM sob uma ótica socioeconômica, ambiental e cultural. Para alcançar o objetivo proposto serão adotados alguns procedimentos metodológicos, visando à máxima exatidão da pesquisa. Inicialmente, será feito um levantamento bibliográfico, elaborando um corpo teórico conceitual a respeito do tema escolhido. Já de posse do corpo teórico conceitual, serão realizadas análises e leituras de documentos da comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá - AM. Para chegar aos resultados serão realizadas visitas de sondagem, registro fotográfico, apresentação e assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido -TCLE para que a pesquisa seja devidamente apresentada aos comunitários e, principalmente, para que seja realizada com toda a segurança e respaldo necessário. Então, serão aplicados questionários semiestruturados para 89 pessoas (número definido de acordo com a equação t-student), escolhidas de forma aleatória na comunidade Novo Horizonte do Lago Janauacá - AM. Estes questionários serão gravados com um gravador

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 **Fax:** (92)3305-5130 **E-mail:** cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 511.076

digital para que os entrevistados descrevam os aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais da comunidade. Algumas pesquisas com comunidades seguem procedimentos quantitativos para a aplicação dos questionários, mas uma análise de conteúdo qualitativo, como é o caso do presente trabalho. As comunidades ribeirinhas da região Amazônica são compostas por moradores que dividem seu tempo entre as atividades de pesca e agricultura. Desse modo, as atividades produtivas da comunidade Novo Horizonte serão categorizadas e sistematizadas, para que seja possível verificar como são realizadas estas atividades e também, qual a sua importância dentro da organização social comunidade. Já de posse dos dados, os resultados da pesquisa serão apresentados em dois momentos: primeiramente, em formato quantitativo por meio de gráficos e tabelas gerados no programa Excel 2010 e, no segundo momento, a apresentação da forma qualitativa por meio de uma associação das falas dos entrevistados com o corpo teórico conceitual acerca do tema da pesquisa, bem como a utilização destas falas transcritas quando necessário. Para que deste modo à pesquisa apresente um contraponto entre a realidade estudada e a bibliografia trabalhada.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever a comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá - AM sob uma ótica socioeconômica, ambiental e cultural.

Objetivo Secundário:

- Realizar a caracterização das unidades produtivas da comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá - AM.
- Analisar a relação dos moradores da comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá - AM com o meio ambiente.
- Investigar os elementos culturais, mitos e lendas presentes no cotidiano dos moradores da comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá - AM.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Cronograma - adequado na atual submissão, coleta precisa de 17/02 a 17/03.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto - assinada pelo vice-coordenador Nabor da Silveira Pio, conforme solicitação do parecer anterior.

Endereço: Rua Teresina, 4950	
Bairro: Adrianópolis	CEP: 69.057-070
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-5130	Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 511.076

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo atendeu as 2 pendências, a saber a troca da folha de rosto com a assinatura do vice_coordenador e adequação do cronograma, agora com previsão para coleta de 17/02 a 17/03.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 15 de Janeiro de 2014

Assinador por:
MARIA EMILIA DE OLIVEIRA PEREIRA ABBUD
(Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 **Fax:** (92)3305-5130 **E-mail:** cep@ufam.edu.br

APENDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU* EM
CIÊNCIAS FLORESTAIS E AMBIENTAIS-PPGCIFA**

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o (a) Senhor (a) para participar da Pesquisa “*Comunidade Novo Horizonte do Lago Janauacá – AM sob uma Ótica Socioeconômica, Ambiental e Cultural*”, sob a responsabilidade da pesquisadora Priscilla Ribeiro Candido, aluna de Mestrado da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, programa PPGCIFA, sob a Orientação do Prof^o. **Dr. Julio César RodríguezTello**, tendo como objetivo Descrever a comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá – AM sob uma ótica socioeconômica, ambiental e cultural. Sua participação é voluntária, dar-se-á por meio de entrevista, com seus dados pessoais, e dados sobre a Comunidade Novo Horizonte do lago Janauacá – AM. Sua colaboração é muito importante. Quanto aos riscos decorrentes de sua participação na pesquisa, segundo a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, não há pesquisa com seres humanos sem risco, sendo que nesta pesquisa, não há riscos previsíveis, porém, ocorrendo, a pesquisadora compromete-se em minimizá-los. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a melhoria da comunidade pesquisada, pois esta pesquisa tem caráter de ineditismo sendo este a principal justificativa, ou seja, sua realização proporciona informações estratégicas e até então inexistente para os tomadores de decisão.

Se depois de consentir em sua participação o (a) Senhor (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Senhor (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, inclusive seus dados pessoais e as informações fornecidas. Para qualquer outra informação, o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço Av. General Rodrigo Octávio Jordão, n^o. 3.000 - *Campus* Universitário Coroado, Manaus - AM, telefone (092) 3305-4254 ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação.

Eu, _____, fui informado (a) sobre o que o (a) pesquisador (a) quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo (a) pesquisador (a), ficando uma via com cada um de nós.

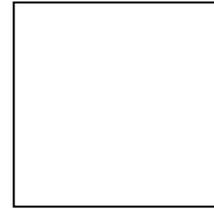
**Nesse sentido, antecipadamente agradecemos.
Atenciosamente,**

A Equipe de Pesquisadores.

Assinatura do Participante

ou

Lago Janauacá, ____/____/2014.



Pesquisadora Responsável

Impressão do dedo polegar,
caso não saiba assinar.

DADOS SOCIOECONÔMICOS

11- Descreva todas as atividades produtivas desenvolvidas na propriedade:

12 - Renda familiar:

- menor que R\$724,00 entre R\$724,01 e R\$2172,00
 entre R\$2172,01 e 3620,00 entre R\$3620,01 e R\$5608,00
 maior que R\$5608,01

13 - Forma de moradia:

- Alugada Cedida Própria

Outra (especificar) _____

14 - Tipo de casa:

- Alvenaria Madeira Mista

Outra (especificar) _____

15 - Número de cômodos na moradia:

- Até 5cômodos De 6 a 10 cômodos Acima de 10 cômodos

16 - A casa possui banheiro?

- Sim Não

17 - Tem energia elétrica ligada na casa?

- Sim Não

DADOS AMBIENTAIS

18 - Existe algum tipo de tratamento domiciliar de água?

- Sim Não

Se sim, qual? _____

19- De onde é a água utilizada para cozinhar?

20 - De onde é a água utilizada para banho e lavar?

21 - Qual tratamento de esgoto utilizado?

- Fossa Rio

Outro (especificar) _____

22 - Qual a destinação dada ao lixo doméstico?

- Queima no próprio terreno Joga no rio

Outro (especificar) _____

23 - O que você entende por meio ambiente?

DADOS CULTURAIS

24- A comunidade tem opções de lazer?

25 - Frequenta alguma igreja?

- Sim Não

Se sim, qual? _____

26 – Tem conhecimento da história de criação da comunidade?

27 – Tem conhecimento de lendas e mitos da comunidade?

28 – São promovidas atividades folclóricas, culturais e/ou festivas na comunidade?

29 - Existe alguma associação na comunidade?

30 - O que poderia ser feito para melhorar as condições de vida na comunidade?

Obrigada pela atenção!
